



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS XIV*
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

GIVANILDA CUNHA PEREIRA

CANUDOS EM CENA: DA ANÁLISE FÍLMICA AO ENSINO DE HISTÓRIA

**Conceição do Coité
2014**

GIVANILDA CUNHA PEREIRA

CANUDOS EM CENA: DA ANÁLISE FÍLMICA AO ENSINO DE HISTÓRIA

Monografia apresentada ao departamento de Educação Campus XIV-Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) como requisito parcial para obtenção do título de graduada em História.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Rute Andrade Castro.

Conceição do Coité
2014

Givanilda Cunha Pereira

CANUDOS EM CENA: DA ANÁLISE FÍLMICA AO ENSINO DE HISTÓRIA

Monografia apresentada ao colegiado de História da UNEB, Departamento de Educação Campus XIV, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em licenciatura em História.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Dedico esse trabalho à minha família, colegas, professores e a todos que de alguma forma colaboraram em minha chegada até aqui.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida;

À minha mãe Maria e ao meu pai Geraldo, meus guias fiéis, que sempre me mostraram o caminho certo a seguir;

As minhas queridas irmãs Gilda e Gegiane, por todo apoio e incentivo durante a graduação;

Agradeço em especial à professora Rute Castro, que acompanhou de perto todos os avanços da minha pesquisa, me orientando com atenção, dedicação e paciência durante todo esse percurso.

Aos meus queridos e inesquecíveis colegas de curso;

À minha colega Valdêmia, que esteve sempre do meu lado durante a graduação;

Aos meus eternos professores, por toda contribuição em meu aprendizado;

Aos estudantes do 9º ano da Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha;

Ao professor Johny Guimarães pelas aulas sobre cinema, à professora Iris Verena pela ajuda no início da minha pesquisa, ao professor Ivaldo Marciano pela colaboração em algumas referências bibliográficas e Adriana Boudoux pelas dicas preciosas em meu trabalho.

Meus sinceros agradecimentos, a todos!

“Quando o historiador passou a observar o filme, para além de fonte de prazer estético e de divertimento, rapidamente ele o percebeu como agente transformador da história e como registro histórico”.

Jorge Nóvoa

Resumo

Este trabalho é uma análise do filme “Guerra de Canudos” que faz uma reconstrução histórica da guerra ocorrida no final do século XIX na cidade de Canudos-Ba envolvendo sertanejos e o exército brasileiro. O texto exhibe as relações existentes entre, a película analisada, a historiografia e a literatura, tentando traçar os caminhos percorridos pelo autor do filme para representar o ocorrido. Partindo desse primeiro momento da pesquisa, o texto passa a analisar as contribuições do filme no Ensino de História, como possuidor de aspectos importantes para serem discutidos em sala de aula e suas principais formas de utilização. Em seguida, já partindo da ideia da película como ferramenta didática possuidora de conhecimentos históricos, é exposto o resultado de uma pesquisa feita com estudantes que assistiram o filme durante algumas aulas de história e os resultados finais obtidos nesse trabalho.

Palavras-chaves: Análise fílmica, Ensino de História, Guerra de Canudos.

Lista de Figuras

I capítulo

Figura 1-Antônio Conselheiro e seus seguidores em peregrinação pelo Sertão.....	19
Figura 2-A família de Zé Lucena	21
Figura 3-Personagem de Antônio Conselheiro.....	22
Figura 4 Conselherista arrancando o edital que regularizava o pagamento de impostos.....	25
Figura 5-Diálogo entre o Barão e seu compadre sobre a batalha de Uauá	27
Figura 6-Conselheiristas na Batalha de Uauá	29
Figura 7-Soldado Arimateia contando como se deu a derrota da tropa	30
Figura 8-Personagem de Moreira César	33
Figura 9-Morte de Antônio Conselheiro.....	35
Figura 10-Os sertanejos preparados para defesa.....	36
Figura 11-Representação exército Brasileiro	36
Figura 12-Ataque da tropa a canudos com investida dos sertanejos	37
Figura 13-General Artur Oscar impedindo o jornalista de tirar a fotografia	38
Figura 14- O beatinho e a população que se rende no último combate	39
Figura 15-Luiza tentando convencer seu pai Lucena a sair de Canudos.....	41
Figura 16-Personagem Penha pouco antes de ser degolada	42
Figura 17-Mulheres adentram para morte nas casas em chama	43
Figura 18-Torre atingida por bala de canhão	45
Figura 19- O sineiro minutos antes de morrer.....	45
Figura 20-Personagens dos últimos sobreviventes antes da destruição total de Canudos.....	47
Figura 21-O arraial de Canudos em chama	48
Figura 22-Diálogo entre os personagens de Tereza e Luiz.....	48

II Capítulo

Figura 23-Entrada da Escola.....	66
----------------------------------	----

Lista de Gráficos

II Capítulo

Gráfico 1- O que você assimilou e aprendeu com o filme?	68
Gráfico 2- Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?	69
Gráfico 3-Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?	69
Gráfico 4-O que você mais gostou nesse filme?	71
Gráfico 5-O que você não gostou no filme?	72
Gráfico 6-Qual a cena do filme chamou mais sua atenção? Por quê?.....	73
Gráfico 7-Relacionando o que foi discutido em sala e o filme exibido, para você o que motivou centenas de pessoas a seguir Antônio Conselheiro?.....	75
Gráfico 8-Como você caracteriza o Antônio Conselheiro do filme?	76
Gráfico 9- O filme ajudou você a compreender melhor sobre a história da guerra? Por quê?	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1- Guerra de canudos em cena: passado e presente interligados na linguagem cinematográfica	13
1.1 A análise: formas de interpretação do filme.....	14
1.2 “Guerra de Canudos”: uma análise sobre Antônio Conselheiro e a república.....	22
1.3 A batalha em Uauá: início dos combates contra Canudos.....	26
CAPITULO 2- O cinema como potencial de ampliar conhecimentos históricos	51
2.1 Guerra de Canudos no Ensino de História	59
2.2 Da teoria à prática.....	64
2.3 Análise de dados.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES	86

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que propõe uma análise do filme Guerra de Canudos com a finalidade de atribuir as possíveis contribuições da película para o Ensino de história. O principal motivo para escolha da análise de filmes, em especial “Guerra de Canudos” foi por conta da trajetória do ocorrido exibida na película, algo que me instiga desde o primeiro dia que o assisti na época do colegial. A vontade de ampliar meus conhecimentos sobre o filme e a guerra sempre me envolveu, principalmente depois de visitar a cidade de Canudos no ano de 2009. Como uma forma de aprimoramento do meu trabalho, envolvo o Ensino de História em meu estudo; onde percebi durante as leituras de diversas bibliografias referentes ao uso de filmes como ferramenta didática auxiliar do professor que dependendo da forma que as películas sejam utilizadas em sala de aula, as mesmas poderão contribuir aos estudantes no aprofundamento dos conhecimentos históricos sobre o ocorrido. A partir daí resolvi fazer a junção desses três elementos - cinema/história e educação- e formular minha pesquisa.

O trabalho tem por objetivo principal, analisar o filme guerra de Canudos e verificar as contribuições do mesmo em sala de aula no Ensino de História, já que os filmes históricos ganharam bastante ênfase como ferramenta possuidora de um papel educativo e cultural na sociedade.

O valor histórico do cinema como documento de investigação, só foi possível graças aos pesquisadores que se dedicaram a estudar os fatos que cercam toda a trajetória dessa ferramenta. Marc Ferro (2010, p.15), descreve sobre as relações existentes entre o cinema e a história, citando que a interferências entre os dois são múltiplas já que o cinema intervém em vários pontos da História. Cristiane Nova (1996, p.1) cita sobre a Escola dos Annales, que foi uma das protagonistas na reformulação do conceito e dos métodos da história e que propõe o alargamento do olhar dos historiadores para outros horizontes não apenas para as fontes escritas. Já Robert A. Rosenstone (2010, p.21) vem trazendo em uma parte de sua obra que o filme nunca poderá fazer exatamente o que um livro pode fazer e vice-versa, cada uma dessas fontes devem ser julgada a partir de critérios diferentes.

Na primeira parte da pesquisa trago a análise do filme “Guerra de Canudos” onde primeiramente escrevo sobre a história da guerra e as questões sociais, econômicas

e políticas que envolveram o movimento. Em seguida venho discutindo a trajetória da construção do filme, ou seja, quais os caminhos percorridos pelo autor. Durante a análise tento esclarecer para o leitor o funcionamento do filme e de que modo a película associa seu enredo a história da guerra.

No segundo capítulo venho tratando do filme no Ensino de História, traçando a trajetória do cinema desde seu surgimento até o momento em que o mesmo passa a ser visto como uma ferramenta didática. Em seguida descrevo as possibilidades de utilizá-lo em sala de aula. Ao final desse capítulo trago resultado de uma pesquisa feita com meus alunos do 9º ano que assistiram o filme com o objetivo de verificar as contribuições da película para o aprendizado desses estudantes sobre a história da guerra.

A utilização de um filme histórico como objeto principal da pesquisa faz com que a importância histórica dessa película seja valorizada; ao mesmo tempo estimula para que outros filmes também sejam analisados, com o propósito de engrandecer ainda mais os caminhos que diversos estudiosos já vêm traçando sobre as relações existentes entre o Cinema e a História.

CAPÍTULO I-GUERRA DE CANUDOS EM CENA: PASSADO E PRESENTE INTERLIGADOS NA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA.

A Guerra de Canudos (1896 \1897) foi um marco Histórico da luta de um povo que não era enxergado pelas autoridades da época e sofria com diversos problemas sociais como fome, falta de habitação e terras. Nesse cenário caótico surge um líder messiânico, Antônio Conselheiro, que movimentou centenas de pessoas a segui-lo. O Belo Monte, nome dado à fazenda encontrada por Conselheiro é fundado no ano 1893 e o local também era chamado de Canudos, “pois o grupo de pessoas que vivia na fazenda abandonada antes da chegada de Conselheiro costumava pitar um cachimbo de barro cujo cabo media um metro de extensão.”(Coin, 1995, p.26). Esse cachimbo era feito a partir de uma planta, o Canudo-de-pito que existia em grande quantidade às margens do rio Vaza-Barris. As casas eram construídas sem sincronia, dando a impressão de um labirinto e tornando assim o local de difícil acesso. O relevo ao redor de Canudos “era mais um obstáculo a ser vencido e se constituía no principal elemento de defesa contra as futuras investidas do exercito republicano” (Sola, 1997, p.36). No Belo Monte também existia regras, “a polícia não entrava não se pagavam impostos e a palavra do Conselheiro bastava para estabelecer a ordem e as regras de convivência” (Monteiro, 2007, p.2). Canudos tornou-se um lugar de refúgio de muitos sertanejos que fugiam do desemprego, das perseguições, da fome, entre outros fatores.

Canudos torna-se um Oasis no sertão do norte da Bahia e rapidamente cresce em importância econômica e social. Seguiam para lá e reuniam-se a Conselheiro os sertanejos pobres e sem trabalho, os perseguidos pelos poderosos, os criminosos arrependidos [...] antigos escravos, que abandonaram seus senhores após abolição, artesãos, vaqueiros, pedreiros, ferreiros, pintores, marceneiros, lavradores etc.(Costa, 1990, p.21-22).

As pessoas que ali chegavam, começavam a construir suas casas e viam em cada parte erguida, a esperança de dias melhores. Mas, vieram dias ruins, o governo brasileiro, não concordando com a maneira que aquela população vivia, resolveu destruir o arraial de Canudos de Antônio Conselheiro e de sua gente. Uma possível hipótese para que a guerra de Canudos ocorresse aconteceu durante o governo do presidente Prudente de Moraes que substituiu Floriano Peixoto. Prudente

de Moraes recebeu um telegrama do governo baiano, solicitando ajuda para combater Antônio Conselheiro, porém ele estava com a saúde abalada e afastou-se do governo. Assume seu lugar o vice Manoel Vitorino que via na vitória contra Canudos uma forma de fortalecer o seu cargo presencial e afastar definitivamente Prudente de Moraes. “Só uma vitória definitiva contra canudos poderia restabelecer e consolidar a abalada autoridade das forças do governo federal no país”. (Costa, 1990, p.34).

Nos três primeiros combates Canudos saiu liderando, mas o pior ainda estava por vir. No último combate, o arraial de Canudos é destruído por mais de 4 mil soldados que comemoram a morte dos últimos sobreviventes. Porém, mesmo depois de derrotados, o povo do Belo Monte mostrou-se o tempo todo firme. A Guerra de Canudos foi causada por diversos motivos, porém com poucos fundamentos. De um lado estavam os grandes coronéis, governo brasileiro e exército, do outro estava a população de Canudos, que acabou saindo de cena de uma forma trágica e desumana.

1.1-A análise: formas de interpretação do filme

Relembrar a Guerra de Canudos é sempre necessário, já que se trata de um acontecimento histórico, que envolveu a morte de milhares de pessoas inocentes e não pode ser esquecido. Lembrar a memória daquele povo é uma forma de se expressar em palavras, para que algo distinto não se repita, além disso, buscar \ analisar os fatos que estão ligados à guerra sempre enriquecerá a História. O historiador tem papel fundamental na interpretação desse episódio da historiografia brasileira.

O principal objetivo na análise de um filme histórico é busca as possíveis interpretações dos fatos narrados por ele. Como diz Rosenstone (2010, p.21) “É averiguar como o passado foi, e está sendo, contado - nesse caso, na tela”. Não será uma forma de inferiorizar ou supervalorizar a película, já que no momento que se adapta uma história real a um filme, tem que considerar diversos aspectos presentes na primeira, porém poderá não ser possível adapta-los à linguagem cinematográfica.

Foi a partir dos anos 70 que o filme começou de fato a ser visto como documento para investigação “isso se deu em consequência de um processo de reformulação do conceito e dos métodos da história, iniciado com o desenvolvimento da escola dos annales, na França”. (Nova, 1996, p.1)

Os annales propõem o alargamento do campo da história, e desertar o terreno político, esta acaba por orientar o interesse dos historiadores para outros horizontes: a natureza, a paisagem, a população a demografia, as trocas, os costumes... (Dosse, 1987, p.83)

Assim também o cinema, que antes era visto pelos historiadores como algo sem interesse, ou como diz Marc Ferro¹, “uma atração de quermesse” (Quinsani, 2011 apud Ferro, 1992, p. 83) passa a ser um objeto de investigação da historiografia ou ate mesmo, em alguns casos como um registro da história.

O filme adquiriu de fato um estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. [...]Isso significa que o filme pode torna-se um documento para a pesquisa histórica, na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica. (Kornis, 1992 pag. 239).

Segundo Morettin (2003), Marc Ferro, historiador e um dos pioneiros sobre a temática cinema-história fez diversas leituras de obras cinematográficas no ano de 1917 na Rússia e percebeu algumas vantagens dos filmes sobre as fontes escritas.

Em primeiro lugar, traz aspectos não “revelados” pelas fontes escritas, como “nível de desenvolvimento econômico dos diferentes países, comportamento de grupos e indivíduos, costumes etc.” Nesse sentido, em linha com a importância dada à questão do imaginário, seria “mais apto a revelar o inconsciente coletivo que as transações financeiras ou diplomáticas”, mostrando “igualmente as mutações psicossociais e biológicas”. (Morettin, 2003 apud Ferro 1965, p.33).

Ferro aponta ainda diversos aspectos a serem observados pelo historiador em um filme histórico, facilitando assim o trabalho daqueles que têm interesse em investigar a história narrada na linguagem fílmica.

¹ É historiador e professor aposentado da École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris). Autor de diversos livros e filmes .É internacionalmente considerado o pioneiro dos estudos da relação cinema-história.

A História de Canudos é considerada um marco na historiografia e trazê-la à tona usando novos métodos é uma forma de fazer com que não fuja de nossa memória. Um exemplo disso é o filme “Guerra de Canudos” que na linguagem cinematográfica, tenta exibir uma versão da história do movimento. Diante do exposto então, acredita-se que este poderá ajudar aqueles que desejam aprimorar seus conhecimentos sobre um acontecimento tão importante da historiografia brasileira.

Em “Guerra de Canudos” o diretor Sergio Rezende faz uma reconstrução histórica do ocorrido. O filme aborda acontecimentos comprovados pela historiografia, contando com a presença de personagens históricos e reais em seu enredo. Rezende nasceu no Rio de Janeiro, em 1951 e dirigiu diversos filmes, entre eles “Guerra de Canudos”. O filme foi terminado no ano de 1997 e Rezende cita numa entrevista ao Periódico Olho da História que conseguiu o capital do filme basicamente pela via da Lei do Audiovisual — lei na qual se pode conseguir financiamento de empresas para produção de filmes. Conseguiu o apoio da Sony, do Banco Real e da Petrobrás. Além disso, o governo do Estado da Bahia forneceu a infraestrutura necessária, sem a qual não seria possível rodar o filme. O orçamento total do filme foi de 6,2 milhões de reais, além de ter consumido mais de três anos de trabalho.

O local que o filme foi rodado não se trata exatamente da cidade de Canudos, a montagem do cenário e as filmagens aconteceram na cidade de Juazeiro-BA.

A cidade fictícia foi erguida em Junco do Salitre, região de Juazeiro, Bahia. Foi o maior esforço de produção já feito no Brasil, comandado pela mulher de Rezende, a indômita Mariza Leão. No total, foram erguidas mais de 500 casas de pau-a-pique, duas igrejas e 350 fachadas. (Leão, 2002, p.396).

Rezende vem dizendo ainda que a ideia de criar um filme sobre a guerra de Canudos surgiu em consequência da leitura de *Os sertões*, publicado em 1902 por Euclides da Cunha², que estivera no campo da luta, assistindo aos últimos momentos da heroica resistência dos sertanejos. Cunha publicou seu livro anos depois da guerra, obra essa considerada por muito tempo a que melhor caracterizava os sertanejos e o sertão.

² Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo (RJ), no dia 20 de janeiro de 1866. Foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico e engenheiro, tendo se tornado famoso internacionalmente por sua obra-prima, “*Os Sertões*”, que retrata a Guerra de Canudos.

Os Sertões é sem dúvida, um marco, no sentido de que esboça os elementos com que vai ser pensado o problema de nossa identidade nacional. [...] Nele Euclides parece formular o par de opostos que vai perpassar os discursos sobre nossa nacionalidade: O paulista versus o sertanejo (Albuquerque, 2001, p.66).

Porém Euclides da Cunha expõe no seu livro o perfil de um homem sertanejo primitivo e atrasado; “descreve um sertão muito mais como um inferno do que como sertão paraíso” (Silva, 1997, p.8). Contudo, sua obra não deixa de ter importância para se entender principalmente como o Brasil estava dividido naquela época entre o povo do litoral das grandes cidades “civilizadas”, enquanto do outro lado no interior predominava a desigualdade social.

Euclides da Cunha, ao contar o que foi a guerra de Canudos, mostrava as cicatrizes de um país dividido. Expunha o quadro de uma sociedade que se concentrava o poder político econômico nas elites litorâneas localizadas naquele tempo, no Rio de Janeiro e em outras poucas cidades costeiras. Enquanto isso no resto do país, particularmente no sertão nordestino, crescia homens e mulheres abandonados pela sorte, entregues ao árbitro dos coronéis e dos chefes locais (Citelli, 1998 p.8-9).

Algum tempo depois, novos estudiosos sobre Canudos vieram a surgir. Entre eles Edmundo Moniz e José Calasans, que serão citados mais a frente, constituindo assim, numa oposição àquela proposta por Euclides da Cunha, pois muitos apontam novas investigações acerca do movimento e tentam apagar estereótipos criados por Cunha do sertanejo e do Sertão.

Rezende diz que conheceu a obra de Euclides da Cunha em 1991, ele estava na Inglaterra, montando um filme produzido pela televisão inglesa, filmado em Moçambique e havia levado consigo a obra. Enquanto ficava sozinho no hotel leu o livro várias vezes, se apaixonando pela história que ele narrava. O filme, embora narre fatos semelhantes como os do livro em questão, não é uma representação da famosa obra. Rezende diz ter lido vários outros livros, entre eles o de Manuel Benício³ intitulado “*Cangaceiros e fanáticos*” que o inspirou no personagem do

³Manoel Benício foi correspondente em 1897 do Jornal O Comercio que o enviou a Canudos durante a guerra. Foi o primeiro repórter a denunciar a desorganização, fome e erros estratégicos da quarta expedição contra o arraial de Canudos. Por isso, foi fortemente repudiado pelo Clube Militar, que exigiu sua retirada da frente de batalha, o que levou o Jornal do Comércio a parar de publicar suas reportagens sobre a guerra. (Conteúdo aberto: Wikipédia: a enciclopédia livre. disponível em [HTTP//PT. wikipedia.org/wiki/Manuel_Ben%C3%ADcio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Ben%C3%ADcio))
Acesso: 31\01\2014

jornalista José Martins que será discutido mais à frente. Além da obra “A Guerra do Fim do Mundo”⁴, do autor Peruano Vargas Llosa, esta voltada à literatura. O livro de Llosa foi publicado em 1981 e narra a história da Guerra de Canudos, mesclando personagens reais e fictícios. A ligação entre a literatura e o cinema surge na década de 60, quando “começa a surgir as primeiras pesquisas e trabalhos sobre análise fílmica e teoria do cinema, os quais iriam influenciar profundamente a aproximação desse último com a literatura,”⁵. A relação entre literatura e cinema é muito próxima, pois são duas artes que contam histórias fictícias e/ou baseadas na realidade, porém cada uma delas possui linguagens diferentes. A partir dessa aproximação entre a literatura e o cinema, filmes vieram a surgir tendo como base obras literárias. Como exemplo, temos a obra de Vargas Llosa que se trata de uma literatura completamente ficcional e Rezende a utiliza como uma das fontes para construção de sua película, afirmando que tudo que é mostrado no filme é ficção. Mesmo com essa afirmação do autor, entretanto, é interessante se ter em mente que “uma obra visivelmente ficcional procura trazer consigo um efeito de realidade, de modo que consiga falar do real, da história” (Campos; Francisco,s/d, p.2.).Pois como diz Nova (1996), um filme pode conter verdades e inverdades parciais. Um dos quesitos mais importante de um analista de filme histórico é verificar como determinado acontecimento da História está sendo mostrado nas telas. “Dessa forma, o que deve ser buscado em um ‘filme histórico’ não é a verdade histórica contida nele, mas a verossimilhança com o fenômeno histórico que retrata”. (Nova; 1996, p.4).

O livro de Vargas Llosa se tornou alvo de diversas críticas principalmente por brasileiros, como por exemplo, Luiz Alberto Muniz Bandeira⁶, que descreve em um artigo produzido em 1996, dedicado à memória de Edmundo Muniz, que a obra: “A guerra do fim do mundo configura-se como ‘historicamente incorreto’, literariamente ruim e que, cujos personagens, a cercarem Antônio Conselheiro são criaturas

⁴ O livro de Llosa foi escrito, originalmente, para ser um roteiro de um filme do cineasta Rui Guerra, como o filme não deu certo, virou um livro.

⁵ Disponível em:

http://www.edtl.com.pt/?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1037&Itemid=2 Acesso em: 02\11\2013

⁶ Professor universitário, cientista político e historiador luso-brasileiro.

abjectas, aberrações humanas, físicas ou morais” (Leite; 2010, apud Bandeira; 1996 p.10). Concordo com o relato de Bandeira a obra deixa a desejar em vários aspectos, como por exemplo, o autor reconstrói uma visão bem parecida com a de Euclides da Cunha. Contudo, é interessante atentar que mesmo a obra sendo uma das bases para construção do filme, a mesma não pode ser confundida como uma fonte histórica. Além de ter utilizado para construção do filme as obras citadas acima, o cineasta diz ter conversado com diversas pessoas e ter passado vários anos estudando História, lendo e pesquisando. “Procurei conhecer os fatos e suas diferentes versões” (Rezende, 1997).

Nas primeiras cenas de “Guerra de canudos” é mostrado um pequeno resumo sobre quem foi Antônio Conselheiro, peregrinações feitas pelo sertão e sua insurgência contra a república. Essas descrições exibidas no início do filme acabam sendo algo engenhoso já que os espectadores passam a conhecer de imediato um pouco da vida daquele que se tornaria um grande líder religioso do sertão da Bahia

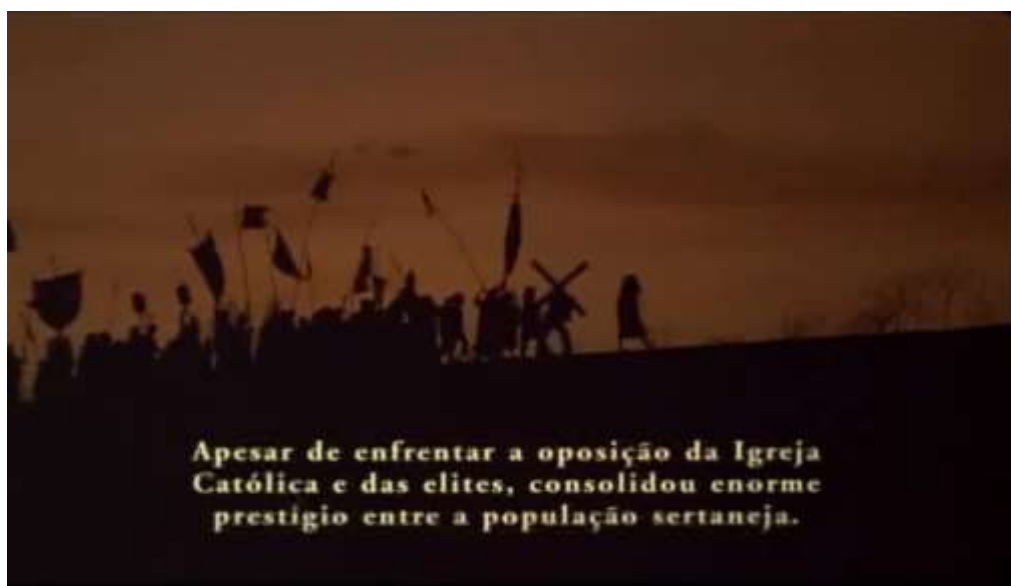


Figura 1-Antônio Conselheiro e seus seguidores em peregrinação pelo Sertão

Como pode ser observado na imagem acima, durante suas peregrinações Antônio Conselheiro conquistou a simpatia de muitos sertanejos e de acordo a Silva⁷

⁷ Rogério Souza Silva é professor licenciado da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

o prestígio do beato com a população nordestina “foi favorecido pelo local onde se deu sua ação, grande parte da região Nordeste nesse período, encontrava-se em profunda decadência econômica.” (Silva, 2001, p.57).

Durante essa cena é tocado um trecho de uma das primeiras músicas referente à trilha sonora do filme, “Canudos” do compositor Edu Lobo.

Veja o trecho abaixo:

Iambupe, Bom Conselho

Jacobina, Xorroxó

Monte Santo, Mundo Novo

Lagoinha, Quixadá

Entre Rios, Belos Montes

Quem é esse que vagueia?

Conselheiro que tonteia

E apeia sem chegar...

Percebe-se que o título da música “Canudos” faz referência ao local fundado por Conselheiro, e os nomes das dez cidades, nove do Estado da Bahia e uma do Ceará representam os lugares onde o beato peregrinou. Já quando o compositor menciona “*E apeia sem chegar*”, representa a trajetória de vida mostrada nos livros sobre Antônio Conselheiro. O Beato permanecia por algum tempo ajudando essas cidades como, por exemplo, nas reformas de cemitérios e logo após continuava em sua peregrinação.

Rezende cria uma família fictícia que dá sustentação a toda a história. Zé Lucena, o chefe da família, parece representar o sertanejo forte, que não teme enfrentar a todos que forem contra o arraial de Canudos e a Antônio Conselheiro. O interessante nesse personagem é o fato que durante o filme ele começa a ficar tão crente nos dogmas de Antônio Conselheiro que chega a aceitar a fuga da filha e a morte do filho como algo natural “Deus que quis assim”. Já Luiza a protagonista do filme e filha mais velha de Zé Lucena, mesmo não sabendo o que é república odeia Antônio Conselheiro, e o acusa de ter convencido sua família a se juntar a ele,

desejando, assim como os soldados republicanos, a destruição do Belo Monte. Penha, mulher de Lucena, parece representar a sertaneja mãe de família, guerreira e forte que luta até a morte sem deixar de lado seus ideais. Toinho e Tereza podem representar as crianças e jovens canudenses que presenciaram a guerra; que morreram ou viram seus pais morrerem, muitas vezes sem entender o porquê daquilo tudo estar acontecendo. Esses personagens, mesmo sendo fictícios, podem representar pessoas reais. Poderá ter existido sertanejo que, como Luiza, resolveu não seguir Antônio Conselheiros ou até mesmo ser contra seus dogmas. Como também existiram diversos sertanejos que o seguiram e lutaram até o fim como Lucena e Penha.



Figura 2-A família de Zé Lucena

Como o autor de um filme não tem como fugir da ficção, a criação da família acima não deixa de ser algo bastante produtivo. Quando o filme mescla personagens fictícios com reais, a exemplo Pajeú, João Abade, Artur Oscar, Moreira César, entre outros, a película começa a ter um sentido mais atrativo para os espectadores, já que a ficção colaborou na formação do enredo do filme. A família de Zé Lucena, por exemplo, está presente o tempo todo na película, é a partir da trajetória deles que a história da Guerra começa a ser exibida na linguagem cinematográfica. Lembrando também que existem outros personagens fictícios além da família de Lucena que contribuem em seu enredo, como por exemplo, o personagem de Arimatéia que terá um relacionamento amoroso com a protagonista Luiza. O Tenente Luiz, vindo do Rio de Janeiro para combater Canudos e que se interessa por Luiza, ficando com ela logo após a morte de Arimatéia. Além do

jornalista Martins, esse que nas últimas cenas do filme começa a questionar o porquê daquela guerra estar acontecendo. Outro personagem é o Barão de Cocorobó, aparentemente um homem rico que possui um estabelecimento com prostitutas e parece se incomodar bastante com o arraial de Canudos.

1.2-“Guerra de Canudos”: uma análise sobre Antônio Conselheiro e a república



Figura 3-Personagem de Antônio Conselheiro

A imagem acima representa uma das primeiras cenas em “Guerra de Canudos” envolvendo Antônio Conselheiro, ele aparece nela contando histórias da bíblia na terra pertencente ao personagem de Zé Lucena. Logo após as suas histórias seus adeptos começam a entoar um trecho da ladainha religiosa “Levantei de madrugada”.

Veja o trecho abaixo:

Levantei de madrugada

Fui varrer a Conceição.

Encontrei Nossa Senhora

C'um ramo de ouro na mão.

*Eu lhe pedi um galhinho,
Ela me disse que não.
Eu tornei a repetir,
Ela me deu seu cordão;*

Essa ladainha é uma oração popular ⁸ frequente ainda hoje no interior da Bahia e durante a cantoria dessa música a personagem Luiza conversa com a mãe Penha preocupada com seu pai Zé Lucena, que canta a música com bastante fervor. É a partir desse momento que a vida da família sertaneja muda completamente e a religião tão pouco mostrada no personagem de Lucena começa a aparecer de uma forma completamente fanática. É significativo ainda nessa cena destacar as falas de Luiza e de Penha. Luiza pergunta à mãe quem era aquele homem referindo-se a Antônio Conselheiro, Penha responde dizem que é “Santo”, assim essas falas das duas e os atos de Antônio Conselheiro no filme o caracteriza somente como um homem de perfil religioso. Com isso a película não foca de modo significativo outras habilidades do beato como, por exemplo, a administração de alimentos e bens no arraial, a arte militar de conselheiro que é descrita por Edmundo Moniz⁹ em sua obra *Canudos: a luta pela terra* (2001). Nesta obra, Antônio Conselheiro é mostrado como dirigente de todos os combates. Corrigindo falhas quando recebia informações de ataques e estabelecendo como seus seguidores deveriam atuar com eficiência nos momentos de emergência.

Aquele homem perto dos setenta anos, para quem a guerra era uma provocação, assume o comando de todas as operações [...] conhecedor de sua terra de sua gente, que sabia intuitivamente como defender as posições ocupadas, levado por uma noção empírica da arte militar que surpreendia os mais competentes adversários. (Moniz, 2001 p.73).

Ao contrario dessa citação de Moniz, o Conselheiro do filme, fala muito sobre sonhos com um anjo, os quatro fogos que estavam por vir, nesse caso referindo-se às expedições. A parte da defesa do arraial parece estar mais ligada aos seus

⁸ A "oração popular" publicada nesta página foi colhida na fazenda Santo Antônio, no interior do estado de São Paulo, por Lígia Fagundes Teles.

Disponível:<<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/abril65/pn65004c.asp>> Acesso:22\03\2014

⁹ Pensador marxista e jornalista, seus principais trabalhos são sobre a Guerra de Canudos.

seguidores principalmente os personagens Lucena e Pajeú, já a administrativa a João Abade e Vila Nova.

Conselheiro também surge em “Guerra de Canudos” como um homem que o tempo todo defende a monarquia, contudo, o próprio Rezende diz que chamá-lo de monarquista já seria reduzir as coisas. Porém no filme a república é vista como anticristo de Conselheiro e alguns estudiosos contestam esse fato dizendo que

Jamais a república foi anticristo de Antônio Conselheiro. Canudos não se rebelou contra a república. Não atacou. Foi atacado. Antônio Conselheiro defendeu com seus partidários-e com raro heroísmo- a comunidade igualitária que criará. (Moniz, 2001 p.14).

Outro caso que afasta Antônio Conselheiro de ser considerado um monarquista é o fato de ele ter sido perseguido por várias autoridades monárquicas antes do início da primeira república.

Vinte anos antes de iniciar-se a campanha de Canudos, 1876, em plena monarquia, há 13 anos da proclamação da República, o Conselheiro já era preso e mandado de volta do Ceará, sua terra de origem, sob a imputação de crimes dos quais as autoridades de fortaleza não encontraram provas (Facó, 1976 p.80).

Ou seja, Antônio Conselheiro também foi perseguido pela Monarquia, mas porque então essa forma tão negativa de Conselheiro aceitar a república? Se pararmos para analisar o contexto econômico e social da época, notaremos uma possível causa dessa repulsa de Conselheiro contra ela. Durante a monarquia a população já sofria com a seca e a fome nos sertões afora, muitos viviam nas mãos dos coronéis onde viam nos trabalhos árduos dos grandes latifúndios uma forma de sobrevivência. Com o início da república tudo parece se agravar ainda mais, pois como uma população que já sofria com a falta de moradia, alimentação e diversos outros fatores teriam que viver no regime onde, continuavam sendo excluídos por uma sociedade que cada vez mais exigia deles? Como suprir tantas mudanças em meio a tanta desigualdade social?

Essa questão citada anteriormente envolvendo principalmente a desigualdade social naquela época, faz lembrar uma cena do filme, nela acontece um diálogo entre Conselheiro e um cobrador de impostos na passagem do Beato pela cidade de Bom Conselho com seus seguidores. O cobrador que tentava receber o dinheiro de uma senhora que negava- se a pagar volta-se para o Beato e diz “Ô beato dê aos

seus fiéis um bom conselho diga que paguem em dia seus impostos”. Conselheiro contesta “Como devem pagar a quem nada lhes deu?”. Minutos depois um dos seus seguidores arranca da parede o edital que regulava o pagamento de impostos e o destrói.

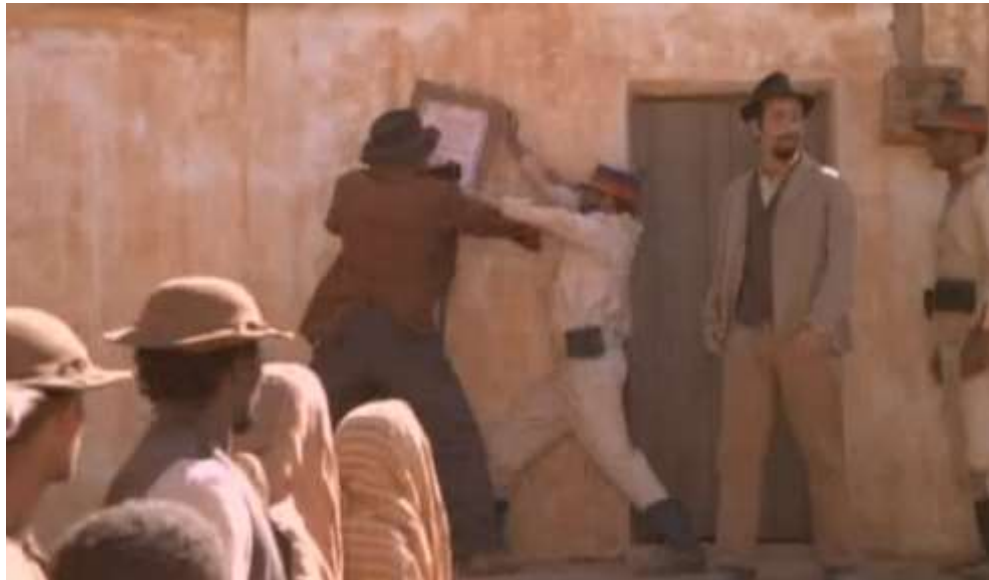


Figura 4 Conselherista arrancando o edital que regularizava o pagamento de impostos

Na imagem acima os sertanejos apoiam o ato do personagem de Vila Nova, mesmo com a resistência do soldado ele consegue retirar o edital que regularizava a cobranças de impostos e o destrói junto com os conselheiristas. Há relatos históricos de que isso realmente aconteceu, como também há de que o Juiz da época Arlindo Leone não concordando com o gesto dos adeptos de Conselheiro, iria se tornar um dos grandes agentes do primeiro combate contra Canudos.

As pessoas que seguiram Antônio Conselheiro o tempo todo estão a favor da defesa de Canudos, para eles a cobrança de impostos fazia com que empobrecessem cada dia mais. Os sertanejos viam em Canudos, um lugar onde poderiam viver sem obedecer a um regime que tirava o pouco que possuíam e em troca não tinham direitos a nada.

O que de fato unia centenas de oprimidos a um mesmo ideal era a procura de uma sociedade mais justa, onde a distancia que separasse o pobre do rico fosse bem menor. Antônio representava isso, sua pregação religiosa estava ao alcance de todos (Sola, 1997 p.28).

Creio que os sertanejos não estavam ali bravamente lutando por um regime político como o filme algumas vezes “teima” em mostrar e sim pela sobrevivência,

todos queriam viver de uma forma digna sem que houvesse “alguém” para tirar aquilo que pertencia a eles. Não aparentam ter a expressão de “fanáticos, irracionais ignorantes, quase animalescos”. (Soares; Ferreira, 2000, p.240) apontado pelo ilustre letrado da época o médico Raimundo Nina Rodrigues. Acredito ainda que Antônio Conselheiro era uma pessoa que queria viver em paz com seu povo, sem precisar ou ter que obedecer às leis da República.

A repressão contra o arraial criado por Conselheiro se tornava cada vez maior, “pois o que estava em jogo eram os interesses dos grandes fazendeiros que na falta de mão de obra escrava necessitavam daqueles constantes contingentes de desempregados para suas fazendas” (Sola, 1997, p. 31). Porém o estopim do início da guerra de Canudos, foram as madeiras que Conselheiro encomendou na cidade de Juazeiro para construção do telhado da Igreja. Como o material não chega a Canudos por falta de carregadores, o beato diz que ele mesmo mandaria gente para buscar. A fala de Conselheiro foi mal interpretada, ocasionando assim a primeira Batalha, ocorrida na cidade de Uauá.

1.3-A batalha em Uauá: início dos combates contra Canudos

A história da madeira conhecida como o estopim do início da guerra, e que Antônio Conselheiro encomendara na cidade de Juazeiro para construção do telhado da Igreja no Belo Monte, aonde a mesma não chega ao seu destino é narrada por Euclides da Cunha como “*incidente desvalioso*”. Em “guerra de Canudos” o caso da madeira é narrado em um diálogo no estabelecimento do personagem do Barão de Cocorocó, onde ele e seu compadre citam a história da madeira e o conflito sangrento que estava por vir.

Euclides da Cunha descreve em seu livro sobre o caso da madeira que Antônio Conselheiro “retrucou com ameaça de uma investida sobre a bela povoação do São Francisco: as madeiras seriam de lá arrebatadas à força.” (Cunha, 1995, p.243)



Figura 5-Diálogo entre o Barão e seu compadre sobre a batalha de Uauá

A imagem acima que representa a cena da conversa do Barão e seu compadre faz jus ao que Euclides da Cunha menciona acima. O Barão diz ao seu compadre “já soube o que está acontecendo em Juazeiro?” O compadre diz “não ouvi dizer”, com a resposta do compadre o barão então conta a história da madeira “Conselheiro encomendou madeira para o telhado da igreja que ele está construindo, o comerciante recebeu e não entregou”, “cutucou a onça com a vara curta” responde o compadre, o Barão diz “mais os fanáticos avisaram que vão a Juazeiro buscar o ‘madeira-me’ no peito, o juiz de lá não esperou tempo ruim, chamou tropa de linha para invadir o tal Belo Monte”. O compadre responde “sempre disse que essa história ia acabar em sangue”, a cena finaliza com o Barão falando “Deus te ouça compadre Bonifácio, sangue muito sangue daqueles arruaceiros”. O diálogo acima e a citação de Cunha caracterizam a busca da madeira pertencente a Conselheiro como algo que envolveria bastante violência por parte dos conselheiristas, porém veremos abaixo que não foi dessa forma que esse incidente aconteceu.

Segundo Moniz (2001 p.62), quando Conselheiro disse que ele mesmo buscaria a madeira, as palavras do beato foram maldosamente interpretadas, não pelo coronel João Evangelista fornecedor da madeira, mas pelos seus inimigos, entre eles o juiz Arlindo Leone que exercera esta mesma função na cidade de Bom Conselho onde foi queimado, na feira o edital que regulava o pagamento de impostos. O autor ainda traz que o juiz não perdoou esse ato do passado cometido por Conselheiro. Quando toma conhecimento da vinda do beato e sua gente à cidade de Juazeiro para buscar a madeira, aproveitou os boatos e telegrafou para o governador da época Luiz Viana pedindo providências para a defesa da cidade.

Como Luiz Viana não dispunha de tropas, pois grande contingente policial fora enviado para outras regiões do Estado conflagradas pelo banditismo, dirigiu-se então para o general Frederico Solon Ribeiro, comandante do 3º distrito militar, requisitando cem praças que seguiram em trem expresso para Juazeiro sob o comando do tenente Pires Ferreira que deveria agir de acordo com o juiz de direito. (Moniz, 2001, p.62)

A obra salienta que nem Conselheiro muito menos sua gente aparece em Juazeiro, constringendo o juiz que tinha solicitado a tropa para defender a cidade de um ataque que não aconteceu. Pires Ferreira, tenente da primeira expedição, também não se conforma de regressar sem ter tido a glória de ter lutado contra o povo de Antônio Conselheiro. “Como confessar a inutilidade da expedição? De acordo ao juiz Arlindo já que o inimigo não aparece ia procurá-lo em sua toca” (Moniz, 2001 p.63). Quando o Tenente Pires Ferreira e os soldados chegam à cidade de Uauá, resolvem descansar. Durante aquela madrugada uma multidão de pessoas incluindo, mulheres, homens e crianças, vinham de Canudos fazendo uma procissão. Quando chegam à cidade de Uauá, são surpreendidos com tiros vindos dos soldados que se assustam temendo uma invasão. Os conselheiristas revidam o ataque dando início à primeira batalha. Há também relatos opostos aos de Moniz sobre a primeira Batalha como, por exemplo, Calasans¹⁰ que escreve,

Em 21 de janeiro de 1896, no arraial de Uauá, alto sertão baiano, novo milagre ocorreu. Na madrugada daquele dia, entoando cânticos religiosos e conduzindo alçada uma grande cruz de madeira, os canudenses atacaram os soldados do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, comandante da Primeira Expedição contra Canudos. (Calasans, 1950, p.44)

Porém mesmo com esses discursos inversos desses autores sobre qual dos lados deu início a primeira batalha, não há relatos de que naquele dia em Uauá, os conselheiristas estavam indo tomar à força a madeira em Juazeiro.

É significativo destacar ainda nesse primeiro combate exibido no filme, que a cena da batalha de Uauá aparece de imediato para os espectadores, logo após o diálogo entre o Barão e seu compadre. Ela é exibida com os seguidores de conselheiro indo ao ataque, dando o parecer para quem esta assistindo que são eles

¹⁰ José Calasans Brandão da Silva, nascido em Aracaju em 14 de julho de 1915, foi professor, historiador e folclorista. Foi considerado o organizador de um dos mais completos acervos sobre Canudos.

que iniciam o combate e também que esse combate está acontecendo porque os conselheiristas estavam indo buscar a madeira à força em Juazeiro.



Figura 6-Conselheiristas na Batalha de Uauá

Observe que, na imagem acima, os personagens mostrados são homens feitos e com poucas armas, alguns deles estão vestidos com uniformes. Não existem crianças ou mulheres na imagem, com isso o filme se opõe completamente a versão de Moniz e Calasans que descrevem em suas obras que os moradores de Canudos estavam naquele momento em procissão.

A partir da análise dessa cena, surge o seguinte questionamento, será que o filme “erra” em colocar em cena um diálogo de dois indivíduos, um Barão rico e seu compadre falando que os adeptos de Conselheiro iriam tomar a força à madeira? Depois de averiguar bem essa cena, acredito que resposta seria não. Como foi tido acima o Barão era um homem rico no filme, tinha mulheres sertanejas em seu estabelecimento que não tinham outra forma de sobrevivência a não ser a prostituição. Com isso, para ele falar ou inventar algo ruim sobre a vinda dos Conselheiristas a Juazeiro para pegar à madeira se torna algo proveitoso, já que ele não concordava com as formas de vida em Canudos. Porém, a partir do momento que o filme passa a exhibir a batalha em Uauá com apenas homens feitos em cena, a impressão que se obtém é que a película exhibe a versão com características semelhantes as de Euclides da Cunha sobre o conflito, ou seja, aquela que a madeira seria tomada a força pelos adeptos de Conselheiro.

Em “Guerra de Canudos” o primeiro confronto findou com mortes de vários soldados e do povo de Conselheiro. De acordo a Moniz, o restante da tropa segue

de volta á Juazeiro, mas antes disso os soldados saqueiam a cidade. O povo de Conselheiro volta para o arraial carregando seus mortos.

Com a derrota da primeira expedição contra Canudos, começa os preparativos para o segundo combate, dessa vez ele seria comandado pelo general Febrônio de Brito. Em “Guerra da Canudos” esse combate tem pouco destaque e é narrado mais uma vez pelo Barão de Cocorobó que entra em cena num diálogo com o jornalista Martins, personagem, como já foi dito inicialmente, inspirado no jornalista Manuel Benício. Na cena o Barão cita a saída da tropa da segunda expedição acreditando que naquele momento Conselheiro e seu povo já deveriam ter sido derrotados. O filme não exhibe cena mostrando o confronto corpo a corpo, quem conta como ocorreu esse combate e a derrota da tropa é o soldado fictício Arimatéia. Primeiro o soldado cita que o armamento dos sertanejos foi a coragem. Lutavam com pedras e paus e investiam para cima dos soldados sem medo de morrer, Arimetéia ainda relata que essas formas de investida se tornaram uma grande estratégia, pois chega um momento que ele e os outros soldados ficam sem munição e são derrotados.



Figura 7-Soldado Arimateia contando como se deu a derrota da tropa

Na imagem acima Arimetéia narra o segundo combate que faz lembrar uma passagem do livro de Manuel Benício “*O rei dos Jagunços*” onde ele cita ser surpreendente a coragem dos sertanejos. Benício relata a bravura de um sertanejo que pula em cima de um canhão como se quisesse destruí-lo, e acaba morto por uma bala. A partir da fala de Arimatéia no filme e a passagem de “*O rei dos*

Jagunços” fica explícita a bravura daquele povo, que não temia a morte para defender Canudos.

Ainda sobre a segunda expedição que é pouco mostrada no filme, Moniz descreve que depois da derrota da tropa o general Febrônio de Brito resolveu partir em retirada, porém no caminho de volta eles teriam novamente que passar pela estrada do comboio onde Pajeú e outros conselheiristas os esperavam.

Mas a retirada não seria fácil. A expedição teria que atravessar novamente a estrada do comboio. Agora os guerrilheiros estavam sob o comando de Pejeú, acompanhado por Lalau, seu ajudante-ordem. Sem se mostrar em campo aberto atacavam por todos os lados, aproveitando todos os incidentes do terreno, forçando os inimigos a gastarem munição numa hora em que, pela falta de mantimentos e pelo cansaço, o estado moral da tropa se achava em péssimas condições. (Moniz, 2001, p.68)

Os soldados batem retirados para a cidade de Monte Santo chegando em estado deplorável com diversos feridos e mortos de fome. Chega ao fim a segunda expedição contra Canudos.

Já o terceiro combate, é mostrado no filme com mais detalhes, inclusive a luta corpo a corpo entre soldados e o povo de Canudos. Destaca também o General Moreira César citado no filme pelo personagem de Conselheiro como o “filho do cão” e “pai do cão”. Para que fique explícito porque esse general recebia todas essas características ruins tanto no filme quando na vida real, voltemos ao passado do Coronel, antes mesmo dele ir combater Canudos e de chegarmos a essa parte do filme. Moreira César, conhecido como impiedoso, teve sua vida rodeada em diversos envolvimento, entre eles, o assassinato do redator-chefe do jornal “Corsário” Apulcro de Castro, que foi morto por militares no centro do Rio de Janeiro em 1884. Segundo Euclides da Cunha, o ocorrido custou a Moreira César uma transferência forçada ao Mato Grosso. Esse assassinato é relatado por Cunha em *Os Sertões*.

E foi o mais afoito, o mais impiedoso, o primeiro talvez no esfaquear pelas costas a vítima, exatamente na ocasião em que ela, num carro, sentada ao lado de autoridade superior do próprio exército, se acolhera ao patrocínio imediato das leis. (Cunha, 1995, p.322)

Moreira César também teve envolvimento na campanha presidencial da época. Interessado em evitar a candidatura de Prudente de Moraes, Moreira César comanda um exército de mais de mil homens bem armados acreditando que voltaria

de Canudos “como um herói nacional, e poderia aliado aos florianistas, desempenhar um papel decisivo para evitar que Prudente de Moraes reassumisse o governo.” (Moniz, 2001 p.69). Luiz Viana, governador da Bahia na época, não concordando com a nomeação de Moreira César para a terceira expedição, pede ao governo para nomear outro comandante, porém não obteve resultados.

Moreira César não era estranho a polícia da Bahia. Quando o general Tude Soares Neiva assumiu o governo do Estado, em substituição a José Gonçalves, deposto, conforme a determinação de Floriano Peixoto, por ter apoiado o golpe de Deodoro da Fonseca, que dissolverá o congresso, Moreira César ocupou a chefia de polícia. (Moniz, 2001, p.71)

O general Moreira César fica na chefia da polícia apenas um mês, porém quando sai deixa um rastro de sangue com a repressão dos movimentos populares. Por isso todo esse desacordo do governador à vinda do general para comandar a terceira expedição. Outro envolvimento do Coronel foi quando autorizou o “fuzilamento de militares e civis no Estado de Santa Catarina, onde exercera no governo do vice-presidente Marechal Floriano Peixoto, o poder militar sem limitação.”(Calasans, 1997 p.149). Mesmo com todos esses envoltimentos em mortes que rodeavam ao general Moreira César, seria no arraial de Canudos “sua grande presença Histórica”. (Calasans, 1997, p.149).

Manuel Benício cita que Moreira Cesar estava bastante confiante na vitória contra Canudos. Durante sua caminhada rumo ao arraial negou-se que fosse estabelecido um hospital de sangue para os feridos no combate ocorrido no povoado de Pitombas argumentando que “em Canudos providenciaria a respeito e que fossem levados para frente os feridos em Pitombas”(Benício, 1997, p.118). O Coronel crente com a vitória se esquece de estudar o terreno onde o arraial de Canudos estava situado, porém não apenas Moreira Cesar estava confiante na vitória. O governo brasileiro também estava crente disso, é tanto que o insucesso da expedição “abalou o País, a Capital Federal e a cidade de São Paulo, principalmente, provocando agitações de rua, com depredações e mortes”. (Calasans, 1997, p.150).

Como foi dito anteriormente, Moreira Cesar é citado no filme por Conselheiro como “o filho do cão” ou “pai do cão”, isso ocorre numa passagem do filme em que o personagem de Conselheiro conversa com a população de Canudos sobre a vinda do coronel na terceira expedição. Conselheiro diz ao seu povo “vem ai um terceiro

fogo, um Coronel, príncipe dos demônios”. Ele ainda comenta nessa cena sobre o famoso apelido de Moreira Cesar “corta cabeças”, ou seja, as características do coronel citadas acima não diferem em nada na descrição que o personagem de Conselheiro faz dele. O Moreira César do filme possui um perfil de homem impiedoso, que não temia destruir tudo e a todos para conseguir seu objetivo que naquele momento seria a destruição total de Canudos.



Figura 8-Personagem de Moreira César

A imagem acima representa o momento que o General estava prestes a atacar Canudos, mesmo muito debilitado por um ataque epilético que sofrera na noite anterior, Moreira Cesar queria “almoçar em Canudos”. Euclides da Cunha descreve nas páginas de Os Sertões um pouco da história desse coronel tido com impiedoso destacando suas características demoníacas.

Aos que pela primeira vez o viam custava-lhe admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímida, o campeador brilhante, ou o demônio cruelíssimo que idealizavam. Não tinha traços característicos nem de um nem de outro. Isto, talvez, porque fossem as duas coisas ao mesmo tempo. (Cunha, 1995 p.320)

Além de todo esse perfil perverso do general que o filme, os sertões e outras obras referentes a canudos mostram ainda existe um mistério que rodeia a terceira expedição: Quem matou o Coronel Moreira César? Ainda não se conseguiu chegar a uma análise definitiva de quem foi o atirador. Porém no filme ele é morto pelo personagem de Pajeú e Moniz descreve em sua obra como ocorreu a morte do General.

Moreira César, desapontado, pensou que poderia salvar o ataque com a sua presença pessoal á frente dos soldados (...). Na zona de combate foi alvejado no ventre por uma bala. Ao regressar à fazenda velha, amparado pelo tenente Francisco de Ávila, uma nova bala o atingiu. Os médicos logo o desenganaram ao examinar os ferimentos. (Moniz, 2001 p.76).

No filme é mostrada uma cena do general sendo atingido por um tiro vindo de Pajeú, Moreira César é levado baleado para o alto da favela e “Guerra de Canudos” exhibe seus momentos finais. Suas últimas palavras ditas ao coronel Tamarindo foi o seguinte questionamento “tomamos Canudos?” O coronel Tamarindo responde “Não comandante, diante do quadro que se apresenta, as nossas baixas e a reação do inimigo, não vemos outra opção a não ser retirar”. Moreira Cesar, já agonizando, nega a decisão de Tamarindo e morre dizendo que não pertencia mais ao exército Brasileiro. Acredito que todas as cenas que envolvem o coronel no filme, foram feitas a partir da trajetória cruel e desumana que o rodeou. O Moreira César do filme tem a maldade nas falas e nos gestos e não é digno de pena nem mesmo pelos soldados que assistem sua morte. Até mesmo em sua última cena onde ele já estava morto verifica-se no semblante dos soldados uma tristeza pelo fato de ter perdido um líder que os ajudaria na derrota de Canudos e não por ter perdido um amigo ou companheiro de batalha. Com a morte de Moreira César e logo após do coronel Tamarindo, os sobreviventes batem desesperadamente em retirada. A terceira expedição contra Canudos chega ao fim.

Já a morte de Conselheiro (1897) que acontece no filme durante o último combate contra Canudos é algo misterioso e não faltam relatos sobre as possíveis causas dela.

Nunca foram descobertas as verdadeiras causas da morte de Antônio Conselheiro. Consta nos relatos de alguns combates da Guerra de Canudos, que, no final de setembro de 1897, já corriam boatos sobre sua morte, trazidos provavelmente pelos prisioneiros capturados. Varias versões foram difundidas: ferimentos causados por estilhaço de granada, problemas gastrointestinais decorrente da má alimentação, parada cardíaca. Tudo indica, no entanto, que nem os fieis sabiam ao certo como havia morrido o fundador do arraial. (Coin, 1995, p.62).

Mesmo com a notícia da morte de Conselheiro, considerado por muitos como o líder do arraial, a população de Canudos não desiste e permanecem lutando até o fim.



Figura 9-Morte de Antônio Conselheiro

A imagem acima representa o momento da morte de Conselheiro em sua última cena no filme que também não deixa de ser algo misterioso. É mostrado apenas ele deitado de lado com as mãos voltadas a um caderno e um lápis, onde escrevia a sua mensagem de despedida.

É chegado o momento para me despedir de vós. Que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente. Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campo, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino que aspira, ansiosamente, a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido, com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto. (Calasans, 1981, p.12-13).

Esse texto de despedida foi encontrado em um manuscrito de Conselheiro logo após a guerra. No filme essa despedida de Conselheiro é narrada na voz do personagem enquanto a cidade é bombardeada por balas de canhão.

A quarta e última expedição contra Canudos ganha bastante ênfase mais da metade da película é dedicada a ela. Liderada principalmente pelo general Artur Oscar e os generais Savaget e João de Silva Barbosa. Em relatos do livro de Nicola Costa¹¹ ele cita que Prudente de Moraes convidou o general Artur Oscar, comandante do 2º distrito militar de Recife, para comandar a quarta expedição contra Canudos. “Sim viva a república” (Costa, 1990, p.42) foi à resposta do general ao presidente. “Driblando a inveja de generais velhos, largados na capital federal sem comissão, fixa-se em salvador, onde se entrega ao planejamento de sua alta

¹¹ Formado em História pela Universidade católica de São Paulo.

missão de vingador dos brios da república” (Melo, 2007 p.283-284). Artur Oscar queria vingar a morte de todos os outros generais principalmente a de Moreira César. Ele chega a Canudos no dia 21 de março de 1897, vencendo a guerra em outubro do mesmo ano. O General, nascido no ano de 1850, teve participação na campanha do Paraguai e durante anos participa de vários outros combates, ganhando merecimento em cada um deles. ”Possuía as medalhas de mérito militar do Paraguai, Argentina, República Oriental e Uruguaiana” (Melo, 2007, p.283). No primeiro combate do General contra o arraial a tropa começa a ter dificuldade, tendo que se retirar para o local chamado Alto da Favela, um lugar que dava para se ter uma vista bem detalhada do arraial.

Depois de algum tempo, passando dificuldades, a tropa do General Arthur Oscar recebe o reforço esperado, tanto na alimentação quanto em combatentes. Uma das cenas mais marcantes exibida no filme do último combate contra Canudos é o momento em que a tropa se prepara para investir contra o arraial. De um lado estão os sertanejos na tentativa de defender suas terras e do outro o batalhão do exército pronto para o ataque.



Figura 10-Os sertanejos preparados para defesa



Figura 11-Representação exército Brasileiro

Nessas cenas os Conselheiristas que aparecem atrás das trincheiras naturais atacam o exército na tentativa de defender o Belo Monte, porém nota-se que a quantidade de soldados é bastante superior à dos canudenses. Com isso a única forma que os adeptos de Conselheiro encontram no momento do ataque do exército é a retirada rumo a Canudos. Essa inferioridade do número de conselheiristas acontece pelo fato de ter ocorrido muitas mortes da população de Canudos nos

confrontos anteriores e mesmo havendo relatos de que muitas pessoas foram morar em Canudos depois de saberem das três vitórias contra o exército, a população já estava bem pouca no último combate. Ao contrário disso o exército Brasileiro, mesmo tendo perdido muitos soldados, recebe reforços de mais de mil homens segundo dados da historiografia. Outro caso importante a ser destacando nessa cena são os gestos religiosos que envolvem os conselheiristas, enquanto dentro da Igreja mulheres e velhos rezam, os combatentes se benze antes de começarem a atirar nos soldados. O General João de Silva Barbosa, participante da quarta expedição contra Canudos, fez um comentário sobre o último combate contra o arraial.

É justo que vos diga que em cinco anos de campanha na guerra do Paraguai, tomando partes em diversos combates, nunca sofri tanto fogo cruzado em semicírculo, onde não havia lugar onde as balas não cruzassem o que justifica as muitas baixas que tivemos em mortos, feridos e contusos. (Melo, 2007, p.17).

O último combate é mostrado em “Guerra de Canudos” com características semelhantes à citada acima. Os sertanejos cercam diversos lugares e atiram contra os invasores que ficam completamente desorientados no meio de tanta bala que surgia por todos os lados.



Figura 12-Ataque da tropa a canudos com investida dos sertanejos

O interessante a destacar nessa cena acima é que mesmo a quantidade de soldados sendo superior, os canudenses vencem na estratégia. Muitos deles estão encima dos telhados das casas, tendo assim, uma melhor visibilidade dos soldados.

Nesse último combate o personagem do jornalista Pedro Martins, torna-se importante para ser discutido, pois o tempo todo ele questiona sobre as atitudes dos generais. Existe uma cena em “guerra de Canudos” que o general Artur Oscar juntamente com o comboio chega ao local onde os conselheristas expõem as cabeças e os corpos dos soldados e dos generais que foram mortos por eles durante as últimas expedições. Martins pega a câmera para tirar uma fotografia, porém o general Artur o impede “o cidadão não bate retrato disso” o jornalista questiona “você não disse que a nação precisava ficar bem informada general?” O general diz que sim mais não de tudo. Em uma passagem do livro de Facó¹², o autor cita exatamente sobre essa questão da exposição dos soldados mortos pelos adeptos de Conselheiro que era como se fosse uma resposta deles aos seus adversários para que não voltassem a Canudos: “E se vigaram terrivelmente dos assaltantes. Decapitavam oficiais e soldados mortos, queimaram-lhes os corpos, alinharam em seguida, à margem da estrada, as cabeças sangrentas”. (Facó,1976 p.100).



Figura 13-General Artur Oscar impedindo o jornalista de tirar a fotografia

As atitudes e questionamentos de Martins no filme dão o parecer de um jornalista do Rio de Janeiro sensato, principalmente em outra cena em que ele questiona o general Artur sobre o porquê daquela guerra. “Não acho que os sertanejos sejam uma ameaça à república [...] são Brasileiros” diz o jornalista. O general Arthur contesta dizendo “que são fanáticos”. O jornalista ainda responde “como fanáticos são os oficiais pela república, as mesmas aberração fanática general, só que vocês se imaginam numa Santa cruzada enquanto eles apenas

¹² Rui Facó, Cearense, nasceu em 1913 e morreu em 1963 aos 50 anos de idade, foi jornalista profissional, escritor e comunista.

defendem o lar invadido”. Pedro Martins acaba sendo expulso pelo general da expedição, porém no final do filme reaparece quando o general e sua tropa desfilam felizes pela vitória contra Canudos. Há um último diálogo entre o general Artur e o jornalista que se expressa dizendo: “O Senhor não engrandece o exército general, sua campanha foi um crime”. A partir desse personagem o filme parece estar fazendo um “denúncia” àquela guerra sem fundamentos que estava acontecendo. Em cada fala do personagem ele vai revelando as atitudes criminosas do General e do governo republicano. A frase do jornalista pode ser ajustada a uma passagem de Os sertões: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”(Citelli; 1998 apud Cunha 1995, p.84). Os jornais da época registravam o que estava acontecendo em Canudos para a população brasileira, um exemplo dele é O País que era o principal jornal do Rio de Janeiro e que exibia diariamente em suas páginas os conflitos em Canudos com o título –“a catástrofe”.

Em “Guerra de Canudos” o general Artur Oscar se preocupa apenas com sua campanha e com a derrota de Canudos, ao mesmo tempo torna-se esperança de vida dos sertanejos que se entregam no último combate, como o Beatinho, que se rende logo após a morte de Conselheiro. Artur Oscar diz ao Beato que garantiria a vida de todos que se entregassem, mas o Beatinho morre no mesmo dia no filme, e juntamente com ele, vários outros sertanejos foram degolados.



Figura 14- O beatinho e a população que se rende no último combate

Na cena acima aparece o Beatinho e logo atrás dele os sertanejos que se entregaram durante o último combate. Observe que a maioria era de crianças e

velhos que, inocentes, morrem severamente nas mãos dos soldados. Como diz Euclides da Cunha “a degolação era, por isto, infinitamente mais prática [...] Não era ação severa da lei, era vingança” (Cunha, 1995 p.603). A degola dos moradores de Canudos sem dúvida era uma das formas mais cruéis de vingança contra pessoas que nada fizeram para receber uma morte tão terrível. De acordo a Facó durante a “gravata vermelha” ninguém era poupado.

Jamais pouparam a vida de um prisioneiro, fosse homem, mulher ou criança. Não importava que se submetessem ou não aos interrogatórios, atendessem ou não à intimativa estúpida de dar vivas á republica. Todos indistintamente tiveram o mesmo fim brutal: amarrados, sangrando e degolados. Seus corpos eram queimados em seguida amontoados em grandes fogueiras (Facó, 1976, p.114).

Nos primeiros momentos em que a degola acontecia, ela era feita às escondidas no local afastado onde os prisioneiros eram levados, mas depois de um tempo ela começou a ser praticada para que todos vissem. Nem o próprio Conselheiro depois de morto foi poupado da degola.

Como foi dito no início do texto, a família fictícia de Lucena aparece o tempo todo no filme, toda a história da Guerra de Canudos é exibida a partir da trajetória deles, que depois das dificuldades enfrentadas por conta da seca abandonaram sua terra para seguir Conselheiro. Luiza a filha mais velha inicialmente na película aparece como uma sertaneja ingênua, mas a partir do momento em que sua família resolve seguir o Beato, foge e acabada tornando-se prostituta no estabelecimento do Barão de Cocorobó. A partir daí deseja com todo fervor a derrota de Antônio Conselheiro. Após casar-se com o soldado Arimatéia que lutou na segunda expedição, começa a ver de perto as tropas chegando ao arraial de Canudos e teme por sua família. Quando Arimatéia morre, Luiza entra em cena determinada a salvar sua família. Em Canudos Luiza tenta convencer o pai Zé Lucena de que sair da cidade era a melhor forma de eles sobreviverem. Lucena nega-se a ir embora de Canudos, ocasionando assim em uma discussão entre os dois.



Figura 15-Luiza tentando convencer seu pai Lucena a sair de Canudos

. Em meio à discursão Lucena retira uma faca na tentativa de matar a filha e é contido por Conselheiro que ao fim da cena o manda ir rezar. Já em casa Lucena tem um diálogo bastante extenso com sua mulher “hoje Deus me deu a alegria de um milagre, o bom Jesus segurou minha mão justo na hora que eu ia matar minha filha” diz Lucena. Penha responde dizendo “não acredito em milagre, nem de Deus nem de Conselheiro” Lucena diz “não diga isso mulher, não fale uma coisa dessas!”, Penha responde “pois digo, eu guardei isso comigo por esses anos todos [...] não acredito em milagre mais acreditei no Belo Monte, viemos para cá eu não achei ruim, mas nunca esqueci a filha que perdi”. Zé Lucena responde “Pois não foi ela que renegou a gente?”, Penha contesta dizendo “Não interessa é minha filha e não quero falar disso mais não”. Penha se entristece e lamenta a perda dos filhos e diz “Lembra o que eu disse para os fiscais que foram levar nossas vacas? Que Deus nunca tinha tomado o que era meu, e agora é Deus que levou meu menino é? é não, para mim não foi Deus não, foi gente de carne e osso!” no final da cena Penha diz que a partir daquele momento iria buscar a sua vingança. Observe que em cada fala de Penha existe uma revolta contida. A ideia que algumas vezes o filme traz de que o povo de Canudos estava vivendo uma guerra completamente religiosa é contestada por essa personagem, principalmente quando ela afirma que não tinha sido Deus o causador da morte do filho e sim gente de carne e osso se referindo aos soldados. Ao mesmo tempo o pensamento de Penha se opõe ao do personagem de Lucena que já envolto no fanatismo religioso enxerga tudo que aconteceu com sua família como obra divina. A partir dessa cena, a personagem de Penha é envolvida por um fervor de vingança.

A morte de Penha ocorre momentos depois, quando a mesma tentava defender o Belo Monte do ataque dos soldados. Capturada pelos soldados é levada até General Artur Oscar e quando questionada pelo general sobre a situação do Belo Monte a mesma responde com indiferença. A forma corajosa com que ela enfrenta Artur Oscar lembra uma passagem do livro de Facó, onde o autor descreve sobre a bravura das mulheres de Canudos.

As mulheres de Canudos, principalmente, deixaram exemplos notáveis de bravura e firmeza inabalável diante do inimigo. A maior parte preferiu morrer a deixa-se aprisionar. E, mesmo quando prisioneiras, na miséria mais extrema, demonstravam tanta resolução e bravura, tanta confiança em seus companheiros que, em geral, eram degoladas pelos assaltantes de Canudos. (Facó, 1964 p.104)

Em “Guerra de Canudos” Penha deixa com raiva o General e a personagem é encaminhada para a “gravata vermelha”. Durante a cena do enforcamento o soldado a pergunta de que forma queria morrer e ela diz que de tiro, porém o soldado a mata de faca e antes manda que ela dê um “viva república”, mas a personagem morre degolada dando “viva o Belo Monte”.



Figura 16-Personagem Penha pouco antes de ser degolada

Penha sem dúvida foi um grande personagem criado no filme, sua bravura que irrita os soldados, faz lembrar uma passagem do livro de Manuel Benício onde o autor descreve a coragem de uma mulher sertaneja captura pelos soldados.

Foi Levada aos empurrões para fora do acampamento onde um dos guardas arrancou de uma faca e, sem amarrá-la pelas costas (como manda a lei dos degolados), meteu-lhe dois dedos nos buracos do nariz, forçando-a a erguer o rosto e esticar o pescoço e neste atolo a faca de um lado a outro, rasgando depois a garganta para fora. (Benício, 1997 p.214).

Da mesma forma Penha morre em “Guerra de Canudos”, retira-se da película apenas a parte mais forte da degola que é o momento do corte no pescoço.

Luiza, após ver sua mãe morta pelos soldados corre para salvar o restante da família e por pouco não é morta por Luiz que lhe fez juras de amor. Ao final da guerra ela questiona: “o bom da república é isso”? Esse questionamento de Luiza é significativo, pois ela antes via o regime como algo bom, porém a partir do momento que esse mesmo regime pelo qual tantos lutavam destrói a sua família, ele deixa de ser visto positivamente pela personagem.

Nesse mesmo episódio destacam-se também cenas onde se observa a questão da religiosidade e resistência das mulheres sertanejas. Umas casas pegam fogo e as mulheres cantando adentram nela.



Figura 17-Mulheres adentram para morte nas casas em chama

Acredito que a imagem acima representa uma das cenas mais complexas para chegar a uma conclusão do porque ela está sendo exibida dessa forma no filme. Essa cena é relatada no artigo “*Antônio Conselheiro do povoado baiano ao filme da guerra: um olhar sobre a imagem constituída*” da estudante Claudia do Amaral¹³ que faz a seguinte análise desse episódio.

¹³ Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Nas cenas finais, mulheres rezando e entoando ladainhas católicas atiram-se nas chamas de casas incendiadas, uma a uma, em fila indiana. Uma imagem dantesca que remete também às fogueiras da Inquisição. A cena fica por conta do expectador perspicaz que deve tentar perceber se a intenção é de criticar negativamente a religiosidade que leva ao fanatismo ou o governo que deixou tantos brasileiros esquecidos à própria sorte, sem ter outra opção que não a morte. (Amaral; 2004, p.81)

O ponto de vista que Claudia traz na citação é interessante, concordo com ela quando fala que a cena pode ser percebida como fanatismo religioso, já que esse mesmo fanatismo é exibido em algumas cenas do filme e principalmente pelo personagem de Lucena. Porém, discordo¹⁴ quando ela analisa dizendo que outra forma do expectador perceber qual a intenção da cena existir no filme seria por conta do governo que deixou tantos brasileiros esquecidos a própria sorte e sem terem outra opção a não ser a morte. Como assim? Em Canudos as pessoas já estavam tendo uma forma de vida melhor? No meu ponto de vista a questão das pessoas estarem se jogando ao fogo nessa cena acima se refere exatamente ao contrário, pois naquele momento elas não estavam esquecidas pelo governo, antes fosse isso, assim quem sabe a guerra poderia ter sido evitada. As pessoas resolveram morrer daquela forma porque o governo lembrou-se delas e de toda população de Canudos. Porém foram lembrados como arruaceiros, monarquistas, fanáticos, que viviam no local ameaçador para o novo governo, ou seja, foram lembradas quando o “outro lado” se sentiu incomodado com a maneira de vida que viviam no arraial e não lembrados como seres humanos que queriam apenas uma vida melhor. Para justificar¹⁵ o porquê chego a esse ponto de vista nessa cena de “Guerra de Canudos” vejamos o que aconteceu um pouco antes da destruição total do arraial. Como já foi dito aqui, alguns sertanejos se entregaram aos soldados republicanos e de acordo a Manuel Benício logo após essa rendição, os que permaneceram em Canudos descobriram que a maioria dos que tinham se rendido estavam sendo mortos na “gravata vermelha”. Cesar Zama¹⁶ (1899) cita em seu artigo “*Libello republicano*” que os conselheiristas não tinham medo do fuzilamento,

¹⁴ Quando discordo da estudante não quer dizer que ela esteja errada em ter um ponto de vista diferente do meu, somos de cursos distintos, cada uma possui formas diferentes em analisar.

¹⁵ Lembrando que essa justificativa é partir da minha a análise da cena mostrada no filme, ou seja, não está relacionada a justificativa do filme nem do seu autor .

¹⁶ Escreveu o *Libello republicano* acompanhado de comentários sobre a Campanha de Canudos, sob o pseudônimo de Wosley, publicado no Diário Bahia Republicado, em 1899, pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA (62 páginas)

encarava-o sem temor, chegava a ser até uma forma de salvação eterna, contudo, eles tinham um profundo terror do degolamento. Outra parte interessante nesse artigo de Zama é que ele relata um pouco de como foi as últimas horas antes da destruição total de Canudos e esses relatos do autor se assemelham a essa cena do filme das mulheres que adentram para morte nas casas em chamas. O autor cita em uma passagem do artigo que uma mulher atira-se às chamas com uma criança ao colo, observando a imagem da cena percebe-se que há uma mulher que se atira nas casas em chama com uma criança pequena no colo. Já Manuel Benício cita que naquelas últimas horas antes da destruição total do arraial, um homem se joga nas chamas de uma fogueira agarrado com um soldado. A partir daí chego, à conclusão de que o filme pode estar tentando mostrar nessa cena em questão, o fanatismo religioso já apontado por Cláudia. A resistência, pois elas reagiam daquela maneira por não aceitarem o rendimento aos soldados e até mesmo destaca a questão do medo que muitos tinham da degola, preferindo assim, morrerem queimados.

Outra cena em “Guerra de Canudos” que pode ser relacionada à questão da fé dos sertanejos é a do sineiro Timóteo, personagem real responsável por tocar o sino nos momentos de missa e de aviso de ataques. Quando a cidade começa a ser bombardeada, o sineiro, mesmo percebendo que poderia ser atingido a qualquer momento não deixa de fazer sua obrigação. “O sineiro da igreja velha toca a ave Marias. [...]”. (MELLO, 2007, p.130).



Figura 19- O sineiro minutos antes de morrer



Figura 18-Torre atingida por bala de canhão

No filme a cena da morte do sineiro se assemelha às passagens do livro de Manuel Benício. Mesmo sendo pedido para descer do alto da torre por uma

personagem de uma senhora, Timóteo continua a bater o sino, até no momento que a torre é acertada por uma bala de canhão.

Neste dia ao ouvir a primeira badalada das Ave-marias, na hora em que vinha entrando no santuário para falar com Conselheiro, Beatinho parou estatelado e, levantou os olhos, divisou o vulto esmolambo de Timóteo junto ao sino.

É um cabra mesmo decidido pensou ele.

A segunda badalada soou e foi esmorecendo numa escala tremula que não se calou de todo antes da terceira

Uma descarga medonha estourou da rua da professora, onde se abrigavam as praças.

O sino e sineiro foram envolvidos pela poeira levantada pelas balas de encontro ao paredão sem reboco.

Morreu, coitado! Gemeu Beatinho. (Benício, 1899, p.204)

Edmundo Moniz também faz o relato da morte do sineiro,

Durante a Guerra o sineiro Timóteo sob o fogo do inimigo, na hora certa com o barbante debaixo do braço, estava firme no seu ponto, até que um dia uma bala de canhão destruiu a torre da igreja na hora que acabara de bater a sétima badalada da ave Maria. (Moniz, 2001, p.97)

Esses momentos de fé e lealdade a Conselheiro e ao Belo Monte ganharam grande ênfase no filme desde seu início, quando os sertanejos resolvem seguir Antônio Conselheiro para um lugar onde acreditavam que viveriam em paz até o fim e nesta ocasião quando muitos não se rendem por nada aos soldados. A partir daí acontece a destruição total do arraial e o filme vai chegando ao fim. São exibidos na tela os últimos sobreviventes tão mencionados nas obras referentes à Guerra de Canudos, um velho, dois homens feitos e uma criança. E como diz Euclides da Cunha “Canudos não se rendeu”

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História resistiu até o esgotamento completo. Expugnando palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 05, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: Um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (Cunha, 1985, p.642).

Um dos sobreviventes em “Guerra de Canudos” é o personagem fictício de Zé Lucena, que permanece vivo no filme até o momento em que chega os soldados e matam a todos com uma dinamite que é jogada no local onde estavam.



Figura 20-Personagens dos últimos sobreviventes antes da destruição total de Canudos

Na imagem, ao lado da criança, há um negro que na cena faz o seguinte comentário para seus companheiros: “Sou negro 13 de maio, quase 50 anos debaixo de corrente, fui liberto duas vezes, a primeira pela princesa Isabel, a segunda pelo meu pai Conselheiro e agora vai ser a terceira que Deus não tarda e vem me tirar dessa miséria.” O notável nessa fala do personagem é quando ele diz que uma das suas três liberdades aconteceu pelas mãos de Conselheiro. A relação de Antônio Conselheiro com os escravos é narrada numa passagem do artigo Clóvis Moura(1996) publicado no periódico “O olho da história”, onde cita que Conselheiro “reunia os escravos e com eles falava mediante um código de linguagem ligado à simbologia religiosa para denunciar a sua situação e sugerir a necessidade de se libertarem”. Logo após a abolição da escravidão, muitos negros seguiram rumo a Canudos à procura de uma vida melhor ao lado de Conselheiro, deixando para trás ricos latifundiários que viam com maus olhos Antônio Conselheiro e o arraial de Canudos.

Nas últimas cenas do filme vemos uma cidade completamente em chamas, o arraial de Canudos é totalmente destruído pelas tropas do governo.



Figura 21-O arraial de Canudos em chama

Não há prova nenhuma de que aquele arraial representava ameaça à república e precisava ser destruído de maneira tão cruel e desumana.

Nas últimas páginas do livro de Benício, ele relata o que presenciou logo após o incêndio em Canudos, milhares de pessoas mortas, famílias unidas até no último momento de vida, “Em uma porta, uma mulher tendo sobre uma das pernas uma criancinha e num dos braços outra, todas três quase petrificadas!” (Benício; 1997 p.215). Além desse relato o autor faz outro, impressionante, sobre o que ele viu naqueles últimos momentos em Canudos.

Em uma furna 12 cadáveres de jagunços, asfixiados, na ocasião do último assalto! Nem sei se é concebível mais que vi. O cérebro do homem não pode, nem a pena tem força para narrar os horrores ali presenciados, nem mesmo sei se me expribo bem, dizendo horror!(Benicio; 1997 p.215).

“Guerra de Canudos” chega ao fim com as únicas sobreviventes da família de Zé Lucena, Luiza e sua irmã Tereza.



Figura 22-Diálogo entre os personagens de Tereza e Luiz

Nesta cena Tereza fala com Luiza para rezar com ela antes de continuarem andando, e a atitude da menina poderia estar relacionada aos costumes de muitos sertanejos em pedir a proteção divina àqueles que se foram. O filme encerra com as duas caminhando sem rumo por entre as caatingas.

Na mistura desses diversos personagens mostrados no filme, Rezende trás vários perfis de sertanejos que podem ter existido naquela época. Sertanejo forte, crente, destemido. Sertaneja guerreira que questiona por que tomavam aquilo que era seu, se estava no seu “canto” sem fazer mal a ninguém. Sertanejos que não acreditavam no beato e crianças que não entendiam porque estavam sendo “atacadas” por aquelas pessoas estranhas e ditas como “civilizadas” vindas do litoral, das grandes civilizações. A Guerra de Canudos “foi um conflito em que nenhum dos lados, por piores que fossem as condições de luta, cedeu”(Capuano, 2008 p.3). Com exceção do grupo liderado pelo Beatinho, o restante dos sertanejos de Canudos lutou até o fim.

Acredito que uma das tentativas do filme é trazer a tona um passado que faz com que diversos historiadores até hoje questionem o porquê da Guerra de Canudos. Porém não posso deixar de destacar que uma das grandes falhas do filme é o fato dele envolver Canudos a uma guerra completamente religiosa. As pessoas naquela época tinham fé, mas existem momentos no filme em que essa fé se torna algo completamente fanático, o personagem de Lucena é prova disso. O Conselheiro do filme é caracterizado como um homem que apenas, leva a “palavra de Deus”, deixando de destacar o Conselheiro administrador que não apenas levava conforto religioso como também estava envolvido em todos os combates. Outro fator é que o filme foca tanto na questão religiosa que tem momentos que se esquece de aprofundar mais a questão política. Claro que as falhas são comuns em filmes sejam eles históricos ou não, pois tem que se levar em conta que os autores não têm o dever de criar um filme na intenção de ensinar História. “É impossível julgar uma película histórica com as normas que regem um texto, já que cada meio tem seus próprios e necessários elementos de representação.” (Rosenstone, 1998 p.112). Deve-se também ter em mente que “o objeto analisado (o filme) passa por um longo processo de adaptação, não devendo, portanto ser visto como integrante fiel do livro” (Paulino, 2012, p.02), ou da História. Em sala de aula cabe aos

professores que se interessarem em exibir o filme, buscar a partir desses “erros” exibidos, uma discussão com seus alunos.

Porém há muito ainda a ser questionado sobre o filme no Ensino de História, seu enredo, personagens, expedições e até mesmo dificuldades que poderão surgir na hora de exibi-lo. Tudo isso será analisado nas páginas seguintes, onde pretendo chegar à conclusão de qual a melhor forma de utilizar “Guerra de Canudos” em sala de aula.

CAPÍTULO II- O CINEMA COMO POTENCIAL DE AMPLIAR CONHECIMENTOS HISTÓRICOS

O filme “Guerra de Canudos”(1997) é de caráter histórico e a película foi criada pelo interesse do diretor Sergio Rezende pelos fatos do passado. Antes de “Guerra de Canudos”, o cineasta já tinha produzido “Lamarca”(1994) que foca a época da ditadura militar. Em 1999 o diretor produziu o filme “Mauá - O Imperador e o Rei”, este relacionado à época do Brasil Imperial e que narra a história de Irineu Evangelista de Sousa (1813–1889), mas conhecido como Barão de Mauá. Dirigiu o filme “Zuzu Angel”(2006) também voltado ao regime militar. Observe que o cineasta possui uma trajetória em criações de filmes que retratam fatos do passado. Já o interesse em fazer o filme sobre a guerra de Canudos surgiu por diversos fatores, um deles, foi pelos mistérios que cercam o ocorrido.

Eu acho que há uma coisa muito precisa nesta história toda: o mistério. Há um interesse de decifrar esse mistério e isso faz com que o interesse permaneça vivo e que todo mundo continue correndo atrás e que, a cada dia, seja lançado um livro novo. Então eu acredito que esse filme será melhor sucedido a medida que ele também consegue produzir mistérios e, dessa forma, suscitar interesse, debates e discussões.(Rezende, 1997)

De acordo a Costa (2010), Rosenstone traz em sua obra que alguns cineastas podem ser tidos como historiadores de maneira “que, ao representarem o passado, conseguem atribuir um significado do passado para o presente”(Costa, 2010 p.6).

Em seus filmes dramáticos, esses diretores fazem o mesmo tipo de pergunta sobre o passado que os historiadores-não apenas o que aconteceu ou porque aquilo aconteceu, mas qual o significado para nós, hoje, daqueles eventos. Pergunta desse tipo obviamente não seria respondida como um acadêmico as responderia, mas sim dentro das possibilidades do gênero dramático e da mídia visual. Na totalidade de suas obras, os melhores desses cineastas historiadores fornecem uma interpretação ampla e uma perspectiva mais abrangente de um tópico, aspecto ou tema do passado. (Rosenstone, 2010 apud Costa; Dias, 2010 p.6).

Ou seja, podem ser tidos como historiadores de acordo ao autor, aqueles cineastas que fazem dos filmes não apenas objeto de diversão e entretenimento como também estimulam os espectadores a pensar.

O filme Guerra de Canudos apresenta diversos aspectos significante que puderam ser analisados, expostos e discutidos, principalmente em sala de aula no Ensino de História, porém não deixam de haver questões a serem analisadas, questionadas e aprofundadas como, por exemplo, os métodos que o autor usou para narrar o acontecido; os alunos deverão ter a noção que o filme é uma ficção que nem tudo aquilo que está passando na tela é real.

O professor deve estar atento a essa questão para que o aluno não tome a projeção como uma verdade absoluta, esquecendo de relativizar tempo, espaço e sujeito histórico. Os alunos podem estudar o filme como um testemunho da história e das representações do passado, mas não limitar sua análise a esse documento, pois os enredos articulam mais sobre presente ainda que seu discurso esteja situado no passado. (Ferraz, 2006 p.05).

Os personagens, por exemplo, em muitos filmes que reproduzem acontecimentos históricos, os cineastas os criam para poder montar o enredo da história, muitas vezes são esses personagens que dão um sentido à película, ela se torna mais atraente através deles. Outra coisa que os historiadores analistas de filmes precisam atentar é que

Cineastas criam filmes, e não teorias sobre filmes, e muito menos teorias sobre a história, o que significa que precisamos buscar em suas produções acabadas, e não em suas intenções declaradas o entendimento do pensamento histórico que encontramos na tela. (Rosenstone, 2010 p.39)

Ou seja, não podemos esperar das películas que escolhemos para exibir em sala de aula fidedignidade ao livro ou à história, pois o cinema é uma arte que possui suas distinções, porém essas diferenças não o impedem de ter importância para o entendimento de determinado fato do passado.

O mínimo que se pode deduzir desses estudos é que as películas cinematográficas demonstram, de modo incontestável, desde o início da história do cinema, a sua eficácia como instrumento formador de consciências e a sua função como agente da história. (Nóvoa, 1995 p.6)

Ao utilizar filmes históricos em sala, estes poderão se tornar uma grande ferramenta no Ensino de História já que, na maioria das vezes a exibição deles em sala de aula proporciona aos estudantes um momento mais atrativo.

O filme propicia por si só uma atração especial é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolvendo o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixões, compaixão, opiniões e até desejos. O filme como ferramenta didática e de uma extraordinária valia para se trabalhar com e em grupos. (Castilho, 2003 p.8)

A junção dos filmes com a educação fez com que a ideia de uma sala de aula do passado onde “caracterizava-se pelo uso somente do quadro, giz e livro Didático e tinha como figura central o professor, único detentor e transmissor do conhecimento”(Santos; Santana; Fernandes, 2011, p.03), mudasse trazendo o filme como grande propulsor de conhecimentos dos fatos do passado e ao mesmo tempo um auxiliar do educador.

Para entendermos melhor sobre essa ferramenta tão presente hoje em nosso cotidiano, voltemos ao passado, especificamente no ano de 1895 onde aconteceu a primeira exibição de um filme ao público na cidade de Paris na França. Os protagonistas dessa projeção foram os irmãos Lumière que exibiram dois pequenos filmes em um aparelho chamado cinematógrafo. Essas películas registravam a vida cotidiana das pessoas e foram chamadas de “La Sortie des ouvriers de l’usine Lumière” (A saída dos operários da fábrica Lumière) e “L’Arrivée d’un train en gare” (Chegada de um trem à estação) surpreendendo aqueles que o assistiam.

Era a primeira vez que as pessoas tinham a possibilidade de ver imagens reais em movimento, projetadas por uma tela grande. O cinematógrafo, uma máquina capaz de fazer uma película fílmica se movimentar em velocidade constante, era responsável pelo milagre. Nos anos seguintes, o cinematógrafo era uma atração em si, mais do que o conteúdo das imagens projetadas. (Napolitano, 2008 p.69)

A partir daquele dia, as exibições continuaram constantes, atraindo milhares de pessoas que queriam olhar de perto as “imagens em movimentos”.

Após alguns dias de sessões pública a multidão é imensa; mas a sala possui apenas cento e vinte lugares. No bulevar, assiste-se a incríveis atropelos; todos os dias há discussões, brigas e mulheres que desmaiam. O jovem Leopold Maurice vem à noite com seus amigos do colégio Chaptal e os fazem entrar por uma porta lateral, para lhes mostrar as “fotografias que se mexem”, apresentada por seu pai... (Rittaud-HutineT, 1995 apud Mocellin, 2002, p.7)

Mesmo com essa grande descoberta, as películas teriam uma longa caminhada antes de se tornarem um objeto de investigação. Como afirma

Barros¹⁷ (2011 p.8), “O cinema, que surge com os irmãos Lumière, logo empreenderá uma criativa luta para se transformar de mera tecnologia em arte, e a partir daí se empenha em construir uma linguagem inteiramente nova”. Com isso durante muito tempo perdurou o desprezo por muitos profissionais pelos filmes, entre eles, os historiadores como afirma Bittencourt¹⁸,

O desprezo de muitos historiadores para com o cinema fez com que este, conseqüentemente, não fosse o tópico tratado nos cursos de graduação e de formação docente e favoreceu, nas aulas de história, uma prática de utilização desses recursos desvinculada de fundamentos metodológicos. (Bittencourt, 2010 p.373).

Marc Ferro (2010, p.9) cita que em meados do século XX, tudo que possuía a imagem era uma “legitimidade contestada”, eram considerados apenas como cultura as pinturas, os museus, a escrita etc. Ferro aponta ainda que é necessário o interesse dos historiadores pelo cinema, já que o mesmo também faz parte da história.

Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica, ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História. (Ferro, 2010 p.32).

É dessa forma que os filmes históricos não devem ser ignorados pelo historiador, pois “essas obras são muito presentes e importantes na formação da cultura histórica da sociedade contemporânea, ou seja, na produção de conhecimentos a respeito do passado”. (Costa; Dias, 2010, p.03).

Assim como a poesia pode traduzir o intraduzível e o verdadeiro poeta alcança, como místico, as fronteiras do invisível, instrumento tão poderoso como o cinema, ao utilizar a arte e a técnica, pode alcançar imprevisíveis resultados. (Sá, 1997 p.14).

¹⁷ Professor adjunto da universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nos cursos de graduação e pós- graduação em História.

¹⁸ Professora de pós-graduação da Faculdade de Educação USP e da Pontifícia Universidade Católica- SP. Possui experiência na área de história das disciplinas de currículos escolares e educação indígena.

Marc Bloch e Lucien Febvre, estudiosos do século XX, lançaram no ano de 1929 a revista *Annales: Anais de História Econômica e Social*. De acordo com o historiador Jacques Le Goff ¹⁹os *Annales*

Ampliou o campo do documento histórico; substituiu a história fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, uma ferramenta, um ex-voto são para a história nova, documentos de primeira ordem (Goff 1990, apud , Santos s/d, p1).

Abud²⁰(2003, p.185) descreve que esses historiadores ligados à criação da revista *Annales* podem ser apontados como os agentes do desenvolvimento de um novo modo de produção historiográfica, onde o “ historiador fabrica seu objeto e ele mesmo é sujeito na produção da História: constrói e recorta seu objeto de estudo”. Segundo a autora a partir da década de 50 e 70, período pós-guerra, os *Annales* apontaram novos caminhos para a história, sendo que duas correntes, História social e a História das mentalidades se desdobraram em decorrência das propostas de Marc Bloch e Lucien Febvre.

Destas, foi a História das Mentalidades a que mais se desenvolveu nas duas últimas décadas. Segundo Le Goff, ela teria se desenvolvido graças ao esgotamento de determinados conceitos e correntes historiográficas que, paralelamente à produção histórica dos *Annales*, tinham se desenvolvido no século XX. Tais correntes dariam demasiados peso a conceitos e categorias, ou se prenderiam muito fortemente ao aspecto quantitativo. (Abud, 2003 p.185).

A autora cita que foi a partir daí que as ideias e propostas de inovações para o desenvolvimento educacional se expandiram pelo mundo, isso ocorreu no mesmo período em que os *Annales* iniciavam o processo de renovação da produção historiográfica.

No Brasil as produções de filmes históricos foram poucas nos anos de 1910 a 1970, como afirma Mocellin²¹(2002) o autor cita que as poucas obras cinematográficas que existiram durante esse período se limitaram a reproduzir a versão historiográfica da classe dominante. As mesmas eram caracterizadas pela

¹⁹ Foi membro da Escola dos *Annales* e historiador francês especialista em idade média e autor de vários livros e trabalhos.

²⁰ É professora da Universidade de São Paulo, doutora em História Social.

²¹ Mestre em educação, professor a mais de 30 anos, publica livros didáticos e paradidáticos desde a década de 80.

“exaltação do herói, visão maniqueísta, pobreza de cenários e figurinos, ausência de criticidade, além de enredos e diálogos sofríveis”. (Mocellin, 2002, p.33). A partir da década de 50 e 60 houve alguns avanços na criação de filmes no Brasil, pois alguns temas que antes não eram abordados nas películas começam a aparecer, porém os filmes históricos não tiveram destaque durante esse período.

Nessa época de grandes inovações estéticas, quando o cinema novo trazia uma linguagem ousada e discutia até então consideradas tabus, os filmes históricos tiveram pouco presente. A principal causa dessa ausência foi o custo de produção, pois a reconstituição de certos episódios da história do Brasil demandaria recursos que estavam muito além das possibilidades do cinema brasileiro. (Mocellin, 2002 p.33).

De acordo com Mocellin, a partir de 1970 foi possível elaborar de fato um filme que narrasse determinado fato do passado, isso se deu por conta do surgimento da Embrafilme, empresa que produziu filmes de caráter histórico. Foi a partir de toda essa trajetória que o cinema hoje pode ser considerado não apenas como divertimento, mas também como objeto de investigação e uma grande ferramenta didática em sala de aula.

Marcos Napolitano²² (2008) aponta que em sala de aula os filmes podem “ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”(Napolitano; 2008 p.11). Ele ainda traz que todos os filmes possuem alguma possibilidade para se trabalhar em sala, o importante é que o professor antes de exibi-lo, analise alguns fatores básicos apontados como:

Qual o uso possível deste filme? A que faixa etária escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual cultura cinematográfica dos meus alunos?(Napolitano, 2008, p.12).

Outro elemento deve ser considerado para que esse momento de projeção torne-se significativo: o professor se atrelar para diversos fatores antes de exibir determinados filmes em suas aulas, desde a pesquisa sobre o filme ao perfil do público de estudantes.

²² Mestre e doutor em História Social

O professor deve se lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. [...] Além dessa preocupação, o professor, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. (Napolitano; 2010 p.19).

Ou seja, em sala de aula os filmes podem se tornar um grande material de aprendizado, porém há muito a ser pensado antes da exibição do filme para não correr o risco de que o momento de saber e conhecimento se torne apenas mais uma forma de lazer. Claro que o professor não vai de uma hora para outra se tornar um analista de todos os filmes que for usar em sala, contudo, uma pequena pesquisa pela internet sobre determinado filme ajuda o professor a ter uma melhor noção da película que irá exibir para seus estudantes.

Compreender os caminhos pelos quais os filmes e o conhecimento histórico são produzidos, com suas diferenças e convergências, implica em desenvolver a percepção para se entender como a história é construída na narrativa fílmica. Ao utilizar os filmes em sala de aula, os professores devem evidenciar para os alunos esses processos e suas semelhanças, ainda que seus objetivos e métodos sejam distintos. (Abud, 2010 p.166)

Também não pode deixar de ser ressaltado que o educador nunca deve exibir um filme sem ao menos ter assistido uma vez, pois “ a única maneira pela qual o professor pode assegurar-se de que o filme corresponde exatamente aos objetivos do seu ensino é vendo-o e estudando-o anteriormente.” (Ferreira; Junior, 1986 p.105). Outro fator a ser destacado é que o educador não apenas utilize o filme como material didático e sim busque outras fontes.

O filme não substitui o material didático. Sempre que for possível, o professor deve relacionar o filme com outra fonte podendo apresentar outros textos relacionados ao filme como artigos, críticas, letras de música, fotografias. Dessa forma o professor facilita ainda mais o entendimento do filme e o processo de produção do conhecimento. (Santos, s/d, p.3)

Napolitano descreve que em sala de aula é necessário que o professor atue como mediador entre a obra e os estudantes, ele traz ainda a importância do professor não apenas preparar a classe antes da exibição da película, como também propor desdobramentos articulados a outras atividades, fontes e temas. Para os estudantes a utilização de filmes como recurso didático poderá facilitar a sua aprendizagem sobre determinado assunto dado. Porém, como foi dito anteriormente,

cabe ao professor preparar esse momento da melhor forma possível e não buscar nas imagens apenas uma forma de ilustrar a aula dada anteriormente.

Partir da Imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou desmentido do outro saber que o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, como risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. (Ferro, 2010, p.32).

Ou seja, utilizar os filmes históricos em sala sem refletir os aspectos do passado contidos nele não trará ao professor o resultado que muitas vezes ele almeja chegar. “Portanto, simplesmente passar um filme para os alunos sem discuti-lo como artefato artístico, intelectual, logo subjetivo, é contribuir para que as pessoas aceitem, assimilem informações de maneira passiva e não-crítica.” (Lima, s/d, p.4). É importante que professor esteja sempre à procura de fazer com que seus estudantes não apenas assistam ao filme, como também o critique e expressem suas diversas opiniões sobre a película exibida. Uma forma rica de explorar o filme é estar sempre debatendo com os estudantes ao final da exibição. Porém a existência desse debate ao final da exibição do filme poderá não existir se o educador ou a escola utilizar esse recurso como “tapa-buracos” como afirma Modro²³

Via de regra há o vídeo tapa-buraco, utilizado em qualquer escola na eventual falta de professor[...]. Falta o professor da disciplina e vai um outro qualquer, que esteja na sua “janela” tomar conta da turma. Agrava-se o fato se for considerado que também há uma parca videoteca, que já foi exclusivamente utilizada em outras inúmeras situações idênticas, ou seja, o filme, invariavelmente foi visto (mais de uma vez, diga-se de passagem) pelos alunos que, mais que certo, não querem revê-lo apenas para preencher o tempo. (Modro, 2006 p.10).

Outro fator importante apontado pelo autor é o professor utilizar os filmes apenas por diversão, sem que haja objetivos, ou finalidade didática. Existe ainda o problema do uso excessivo de filmes em sala de aula tornando muitas vezes o momento redundante e até mesmo monótono. Utilizar filmes nas aulas de história pode ser bastante enriquecedor basta o professor saber utilizá-lo como ferramenta didática de maneira a beneficiar o estudante e a ele mesmo, levando em conta que o filme é um auxiliar, pois o principal mediador das aulas é o educador.

²³ É professor titular da Universidade da Região de Joinville. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

Um dos obstáculos que o professor poderá enfrentar ao tentar exibir o filme “Guerra de Canudos” em sala de aula é a questão do tempo comparado a quantidade de aulas por semana, em algumas escolas a disciplina de história tem duas aulas semanalmente e em outras três, porém mesmo o professor tendo três aulas por semana o filme possui 2 horas e 50 minutos além do que, pode ocorrer das aulas de História não serem no mesmo dia ou seguidas. Nas páginas seguintes tentarei expor algumas soluções para essas dificuldades.

2.1- “Guerra de Canudos” no Ensino de História

Para exibir uma película e explorar a mesma em suas aulas, primeiramente o educador tem que ter em mente, como diz Cristiane Nova (1996) que o filme é o reflexo do passado que ele foi produzido, ou seja, são épocas diferentes, concepções diferentes e visões diferentes. O filme “Guerra de Canudos”, por exemplo, foi feito no ano de 1997, o autor do filme se baseou nas bibliografias e visões daquela época, de lá para cá ocorreram mudanças na história da guerra. Como é mostrado no primeiro capítulo deste trabalho, o pesquisador Edmundo Moniz (2001) vem trazendo novas visões do acontecido, interpretações estas, que podem não ter sido naquela época analisadas. Outro fator que o professor tem que atentar é a faixa etária do filme; como o objeto de estudo se trata de “Guerra de Canudos”, o mesmo possui faixa etária de 14 anos, seria um filme a ser exibido a alunos do ensino médio ou no máximo 9º ano do ensino fundamental II já que na maioria das vezes a idade desses estudantes é de 14 a 20 anos. Outro elemento a ser apontado antes da exibição do filme é a separação de uma ou duas aulas para que o educador discuta com a sua turma sobre a Guerra de Canudos; apontando os principais fatores que poderiam ter influenciado pessoas a irem para Canudos como, por exemplo, a questão social e econômica. Depois que os alunos obtiverem o conhecimento sobre a guerra o professor poderá partir para uma pesquisa sobre o filme, básica, como por exemplo, o ano que ele foi feito, o autor e um pouco de sua sinopse. A exibição da película seria uma das últimas etapas.

A dificuldade que surge para o professor tentar exibir um filme histórico por completo para sua turma não acontece apenas com “Guerra de Canudos”, outras películas existentes também podem apresentar esse mesmo problema por conta da quantidade de horas que elas possuem tempo esse que nós educadores muitas vezes não possuímos. Napolitano (2008) aponta que uma das formas do professor conseguir exibir um filme por inteiro é fazendo uma troca com outro educador. Quando isso não for possível outra maneira é exibir algumas cenas do filme, além disso, ele traz mais uma possível solução para que os alunos assistam o filme por inteiro que é dividir a classe em grupos e cada grupo ficaria responsável por assistir na casa de um dos membros.

Existem três formas possíveis de exibição/assistência de um filme dentro das atividades escolares: a) exibição/assistência na sala de aula ou vídeo, dentro do horário da(s) aula(s); b) assistência em casa, por grupos de alunos previamente formados e informados pelo professor; c) exibição na sala de aula, de cenas ou sequências selecionadas pelo professor. O importante é ter coerência entre a forma de exibição/assistência e os objetivos/amplitude da atividade planejada. (Napolitano, 2008 p.82)

Diante das possibilidades apontadas pelo autor neste momento o estudo sobre “Guerra de Canudos” em sala de aula será voltado a essas três alternativas.

Nesse momento a análise estará voltada à possibilidade de o professor utilizar o filme por partes. Circe Bittencourt cita que usar as partes mais interessantes dos filmes em sala pode ser um complemento dos conteúdos dados nas aulas.

Trata-se de substituir o filme em vários blocos, em pequenas cenas, atendendo a interesses de conteúdo. É difícil sua efetivação em sala de aula, dado o tempo exigido. Mas por ela o professor amplia tanto o seu domínio sobre o filme quanto define melhor uma bibliografia de leitura prévia para o trabalho com o filme. (Vesentini; 1997 apud Bittencourt, 2011 p.377).

Nesse caso a melhor forma de exibir “Guerra de Canudos” por partes seria selecionar as principais cenas. A meu ver as partes que poderiam ser exibidas e exploradas seriam apenas: a destruição do edital de impostos e as 04 batalhas já que a trajetória que o filme traz de uma família sertaneja que deixa tudo para seguir Antônio Conselheiro não poderá ser explorada pela questão do tempo.

A cena do pagamento de impostos começa aos 14[min] da película e pode ser exibida até 16 [min]16[s]. É importante já que o professor está exibindo o filme por parte que antes da exibição da cena do filme ele comente com os estudantes de que

ela se trata. Depois da cena exibida é significativa uma discussão com os estudantes, principalmente sobre as falas de Conselheiro e da senhora que se negava a pagar os impostos.

Observe o que o personagem da senhora fala ao cobrador:

-Eu vendi as esteira por 04 vitém como é que eu pago um tostão? Não pago.

É significativo explorar aqui o que foi colocado no primeiro capítulo sobre a questão social naquela época; como uma população que já sofria com a falta de moradia, alimentação e diversos outros fatores teria que viver num regime, republicano, que cada vez mais exigia deles.

Outra fala interessante é a do personagem de Conselheiro que diz:

-É justo que os Brasileiros não respeitem a lei da república, quem tirou Dom Pedro do trono lhe tirando o direito divino de reinar sobre o Brasil foi o anticristo da republica, quem inventou o casamento civil fora da igreja foi o anticristo da república e os impostos quem inventou?

O Conselheiro dessa cena aparece como um perfeito monarquista, e mesmo o autor do filme afirmando que não mostra um conselheiro monárquico, a cena em questão exhibe isso e se opõe ao que foi dito por Edmundo Muniz "*já a república foi o anticristo de Conselheiro*" (Moniz, 2001, p.14). Algo mais a ser destacado nessas falas de Conselheiro é a forma pela qual o beato descreve a monarquia dando o parecer que tudo vivido por ele durante o regime foi maravilhoso, mas já sabemos que o beato também foi perseguido pela mesma; lembrando também que será a partir dessa cena que os alunos terão suas primeiras impressões do Antônio Conselheiro do filme, por isso a importância do debate com os mesmos para que a ideia de um Beato completamente monarquista não perca nas conclusões finais dos estudantes.

Sobre as batalhas contra Canudos, a cena que pode ser exibida é a do Barão contando para o compadre a história da madeira até o momento do combate corpo a corpo, pois é interessante. Ela começa aos 23 [min]: 55[s] e pode seguir até o fim da primeira batalha. O que pode ser destacado nessa cena é a questão das diferentes visões sobre o arraial de Canudos a partir das classes sociais daquela época. Como também a batalha de Uauá que é exibida como se os canudenses tivessem iniciado e, como já foi focado aqui, existem opiniões opostas sobre qual lado deu início a esse combate. Ouvir dos estudantes as opiniões que os mesmos

teriam desse primeiro combate é algo significativo. O combate corpo a corpo da segunda expedição no filme não é mostrado e, para suprir esse momento, duas partes do filme podem ser exibidas: a primeira seria a chegada do jornalista Martins ao estabelecimento do Barão, onde o próprio narra como foi a batalha, convencido de que Conselheiro já estaria morto. A cena começa aos 25[min]: 50[s] e pode ser exibida até 26[min]: 40[s]. E a parte em que o personagem de Arimatéia, que participou da segunda expedição, narra como foi o confronto corpo a corpo contra os adeptos de Conselheiro; a cena inicia aos 29[min]. O interessante nessa cena é que o personagem destaca a coragem dos sertanejos, descrita por alguns estudiosos citados aqui, como Manuel Benicio, além disso, o personagem do Barão de Cocorobó menciona nesse episódio sobre o Coronel Moreira Cesar que estava se deslocando para Canudos na terceira expedição.

As cenas a serem exibidas para representar a terceira expedição contra canudos podem ser a de Conselheiro descrevendo Moreira César e a primeira aparição do general no filme que inicia aos 32[min]: 47[s] e termina aos 35[min]: 39[s], os alunos a partir dessa cena poderão ter suas primeiras impressões do general Moreira César do filme. A batalha corpo a corpo da terceira expedição e o tiro que o general leva ocasionando sua morte já no fim da expedição começa aos 40[min]:42[s] e pode ser contemplada até os 48[min]:02[s]. Nessas cenas pode ser explorada a questão da resistência dos sertanejos pois no combate mostrado no filme é exibido tantos mulheres quanto homens lutando contra os soldados e na maioria das vezes esses sertanejos estavam desarmados, utilizando apenas, objetos de utilidades do dia a dia como enxadas e foices .

Como a última batalha contra Canudos ganha bastante ênfase e o tempo é curto, nesse último momento pode ser exibida a cena de um dos primeiros combates da quarta expedição contra o arraial que inicia 01[h]: 35[min]:14[s]. Outra cena que interessa ser exibida é o diálogo entre o personagem de Martins e o general Artur Oscar que começa a 1[h]:53[min]:29[s] e pode seguir até 1[h]:56[min]:05[s]. Um pouco do diálogo dos dois já foi exibido no primeiro capítulo, a partir dessa cena uma discussão com os alunos sobre as diferentes visões do jornalista e do general sobre o porque da existência daquela guerra seria significativa. A partir dessas cenas exibidas e da aula dada anteriormente sobre a guerra os alunos concluirão se o fato do professor exibir as cenas ajudou os

mesmos a compreender melhor sobre o ocorrido e o professor chegará a conclusão dos aspectos positivos e negativos de utilizar essa metodologia em sua aula. Como o filme foi exibido por partes o educador pode sugerir para estudantes que tiverem interesse assistir ao filme completo em casa já que a obra cinematográfica “Guerra de Canudos” está disponível na internet. A exibição das cenas do filme poderá demorar meia hora mais ou menos e juntamente com os pequenos debates entre uma e outra a aula deve acontecer ocupando um ou dois horários, esse tempo vai variar bastante já que cada turma tem suas distinções. Napolitano vem trazendo em sua obra algumas sugestões de fechamento das atividades e, das muitas que ele expõe, a que considero mais coerente, já que o filme foi trabalhando em partes, é uma redação.

Dissertação temática: individual, de uma a três páginas, na qual o aluno exercita o desenvolvimento da argumentação em torno de um aspecto surgido ao longo dos debates(ou sobre o filme em si). Recomendada para o final do ensino fundamental ou para o ensino médio. Pode assumir forma de redação simples, descritiva ou narrativa quando aplicada ao ensino fundamental. (Napolitano, 2008 p.98-99).

Nessa redação os alunos devem colocar seu ponto de vista sobre o acontecido mesclando as aulas sobre a Guerra de Canudos e os debates em sala durante e a exibição das partes da película. Lembrando que essa é apenas uma sugestão, caberá ao professor verificar a melhor forma de fazer com seus alunos o fechamento de suas atividades. Outro fator também a ser acrescentado é que as cenas propostas acima para ser exibida são apenas sugestões; cabe ao educador verificar a possibilidade de segui-las ou não, pois o mesmo é conhecedor de sua turma e saberá se uma atividade diferente como exibir cenas de um filme terá proveito em suas aulas.

Até aqui foi analisada a possibilidade de utilizar “Guerra de Canudos” por partes. A segunda alternativa a ser averiguada é a de o professor dividir a sala em grupos de estudantes para assistirem o filme em casa. O primeiro passo que deve ser seguido pelo educador, como afirma Napolitano, é verificar se a maioria dos estudantes possuem aparelhos de DVDs em casa, a partir daí, o professor poderá começar o processo de divisão das equipes.

Divida os alunos em grupos de trabalho e solicite, como tarefa e atividade de estudo, a assistência do filme selecionado, sistematizando-o na forma de

relatório escrito a partir de um roteiro. Ela não deve ser informal e descomprometida, e sim indexada a um trabalho escrito (ainda que em grupo). (Napolitano, 2009 p.81).

Cabe ao professor de história a confecção do roteiro que os alunos irão utilizar para a construção do relatório, de acordo as concepções que eles irão obter quando assistirem o filme. Outra preocupação apontada por Napolitano e que o professor deve ter quanto à escolha dessa opção é verificar se o filme vai estar acessível a todos os grupos. O professor pode também, após todos os grupos terem assistido o filme, fazer um debate com os estudantes em sala, assim os mesmos terão a chance de se expressarem para os colegas sobre suas diferentes conclusões do filme trabalhado.

A última possibilidade é a de exibir “Guerra de Canudos” por inteiro pelo professor que consegue tempo suficiente, seja trocando de horários ou de outra forma. Essa opção é uma das mais complexas já que o professor até o momento de exibir o filme não terá a mínima noção se os alunos irão se interessar pelo mesmo até o fim já que se trata de uma película bastante extensa. Para tentar chegar a um possível resultado sobre esse principal receio que pode surgir na mente dos educadores; essa parte da análise estará sendo exposta nas páginas seguintes de forma diferenciada, onde tive a experiência de exibir o filme a minha turma do 9º ano, e a partir de um questionário aplicado a eles, verificar o quanto o filme pode colaborar no aprendizado desses estudantes sobre a história da guerra.

2.2- Da teoria à prática

Segundo Lakatos²⁴(2003, p.155) “toda pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar”. Visando analisar como o filme “Guerra de Canudos” poderá colaborar no processo de ensino aprendizagem na disciplina de história, essa parte da pesquisa consiste em uma coleta de dados a partir de um questionário com oito perguntas relacionadas ao filme em minha turma do 9º ano do ensino fundamental II. Mesmo

²⁴ Foi professora de Sociologia e Metodologia Científica em cursos de graduação e pós-graduação.

tendo consciência de que o universo da minha pesquisa é restrito, a intenção em fazê-la foi por conta da mesma colaborar no aprimoramento do que já venho discutido anteriormente sobre cinema e o Ensino de História. Lembrando que para chegar a essa última etapa do meu trabalho fui guiada por teóricos que se tornaram peças indispensáveis para o desenvolvimento da minha pesquisa. Segundo Gressler²⁵(1989, p. 24) “pesquisar é um inquérito ou exame cuidadoso para descobrir novas informações ou relações, ampliar e verificar o conhecimento existente”. O professor que se dedica de alguma forma a pesquisar “ não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática” (Bortoni-Ricardo, 2008, p.46). É nesse sentido que trago a partir das análises de dados, os resultados que obtive ao utilizar o filme “Guerra de Canudos” em minha sala nas aulas de história, não apenas como aprimoramento da pesquisa, mas também como uma forma de obter novos conhecimentos na área educacional. A pesquisa que fiz com os estudantes partiu de três etapas, a primeira foi uma aula sobre a Guerra de Canudos, comentários sobre o filme que iríamos assistir e uma leitura para casa; a segunda foi a exibição de “Guerra de Canudos” juntamente com uma discursão ao final da película e a terceira etapa foi a aplicação dos questionários aos estudantes. A disciplina de história na escola possui semanalmente três aulas, as outras duas foram conseguidas numa troca com os horários da disciplina de artes também lecionada por mim.

Sujeitos e lócus da pesquisa

O *lócus* da pesquisa foi a Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha situada na zona rural da cidade de Valente-BA, voltada principalmente para alunos ligados ao campo. A instituição possui quatro turmas 6º, 7º, 8º e 9º ano e trabalha com a pedagogia da alternância, ou seja, os alunos passam uma semana na escola e outra em casa. No espaço físico da escola inclui quadra, campo de futebol, duas

²⁵ Doutora em Educação pela Mississippi State University (EUA), Mestre em Educação pela Organização dos Estados Americanos (OEA/UFMS) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, RS.

salas de aulas, laboratório de informática, sala dos professores, secretária, diretoria, biblioteca, refeitório, auditório, dois dormitórios femininos e dois masculinos, uma casa dos professores e outra das professoras, cozinha, banheiros; além de espaço para aulas práticas das disciplinas técnicas como pocilga e aviário.



Figura 23-Entrada da Escola

“Guerra de Canudos” foi exibido nos dias 28 e 29 de abril de 2014 e dias antes da exibição do filme, houve uma aula sobre o acontecido, onde foram focadas questões relacionadas a Antônio Conselheiro, o conceito político, social e econômico da época e os combates. Ao fim da aula comentei a sinopse do filme que iríamos assistir e solicitei que em casa os estudantes fizessem a leitura de assuntos relacionados ao filme, pois os mesmos iriam ficar uma semana em casa e só iríamos assistir “Guerra de Canudos” na semana seguinte. Para exibição do filme foram preparadas cinco aulas, quatro para o filme e uma para a aplicação do questionário onde o mesmo foi aplicado a quatorze dos dezesseis estudantes da turma, pois duas alunas não compareceram à aula de história naquela semana. Durante a exibição do filme, foi percebido que a maior parte dos estudantes estava interessada, porém tiveram momentos de distração de alguns, acredito que seja pelo fato do tamanho da película; contudo na terça-feira foi perceptível que todos os estudantes estavam interessados. Outro fator interessante foi que nas últimas

cenar onde era exibida a cidade sendo totalmente destruída, alguns estudantes começaram a fazer perguntas sobre como estava Canudos atualmente. Quando o filme terminou, tive uma discussão rápida com os alunos sobre o filme e partimos para a última etapa que foi a aplicação dos questionários, onde os estudantes não demonstraram muitas dificuldades de compreensão das perguntas solicitadas. Como foi percebido que os alunos se interessaram em saber como estava Canudos atualmente eu resolvi levar para sala de aula umas fotografias da cidade do ano de 2009 quando fiz uma excursão no município. Esse momento foi bem interessante, já que os alunos fizeram diversas perguntas sobre as imagens exibidas e demonstra o quanto o professor precisa estar receptivo ao “ritmo” dos alunos.

2.3- Análise de dados

De acordo com Best (1972 apud Lakatos; Marconi, 1996 p. 167), a análise de dados "representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação". Os autores ainda descrevem que a importância dos dados alcançados em uma pesquisa não está em si mesmo, mas sim em proporcionar respostas às investigações. Com isso "analisar é estabelecer conclusões, e, portanto exige familiaridade com o assunto pesquisado, bem como um grande conhecimento sobre o processo seguido na investigação" (Gressler, 1989 p.85). Com isso, venho trazendo logo abaixo as questões apresentadas no questionário sobre o filme "Guerra de Canudos" e as conclusões que obtive através das respostas dos estudantes, lembrando que em algumas das perguntas foi levada em consideração a resposta da maioria dos alunos entrevistados.

1-O que você assimilou e aprendeu com o filme?

Nessa primeira questão diversos aspectos relacionados a guerra foram descritos pelos estudantes como tendo sido aprendidos no filme, como por exemplo a questão social foi citada por quatro dos estudantes, que relatam que naquela época havia muitas desigualdades sociais onde muitas pessoas passavam fome e não tinham dinheiro. A coragem dos sertanejos mostrada no filme foi descrita por um

estudante, onde o mesmo os caracteriza como batalhadores. A maioria da turma descreve ter aprendido sobre a “história da guerra” e foca principalmente nos combates que ocorreram no início da república e os impostos.

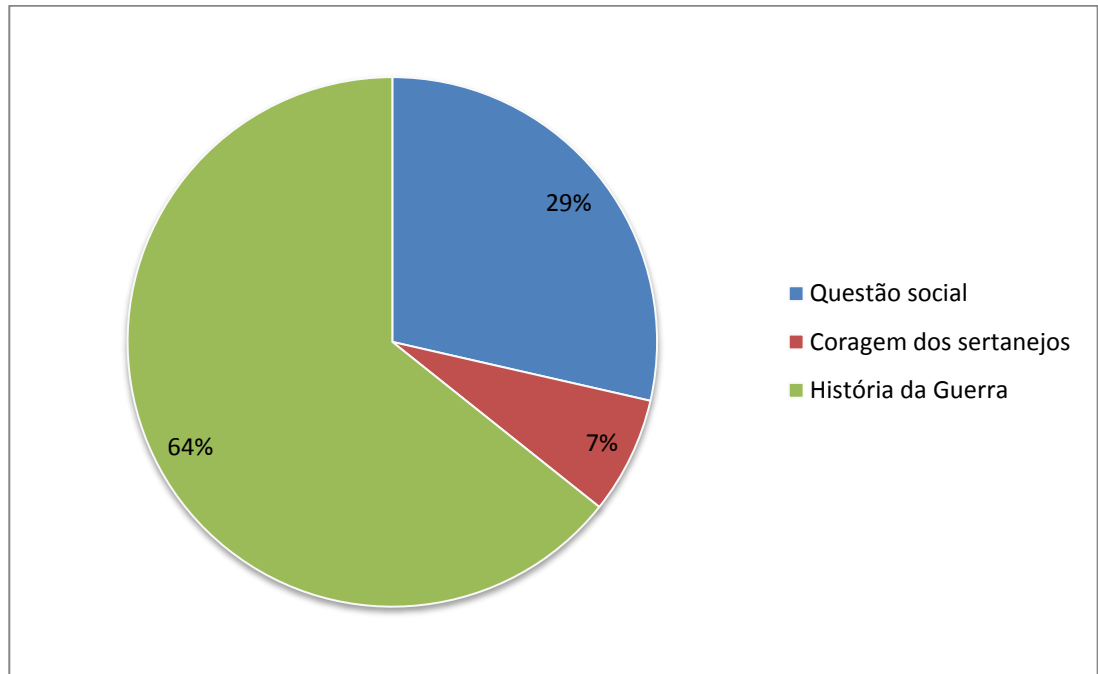


Gráfico 1- O que você assimilou e aprendeu com o filme?

Um estudante relatou, *“Eu entendi que foi uma injustiça as 4 guerras”*. Outro descreveu da seguinte forma, *“Com o filme a Guerra de Canudos que os sertanejos não queriam pagar impostos e estes sertanejos foram para um lugar com Antônio Conselheiro”*. Uma aluna relata *“que a guerra de Canudos foi um fato histórico da cidade de Canudos. Além disso, que as pessoas que em Canudos vivia só queria paz e um reconhecimento”*.

Percebe-se nas respostas dos estudantes e do gráfico acima que os mesmos conseguiram aprender alguns aspectos básicos da guerra. A “História da Guerra” citada pela maioria, demonstra que os alunos conseguiram assimilar o propósito da película em exibir os fatos relacionados ao ocorrido. Ao mesmo tempo quando um deles descreve que entendeu que a Guerra de Canudos foi algo injusto e outra estudante descreve que os sertanejos só queriam paz e um reconhecimento, o filme consegue despertar nesses estudantes um sentimento ético e moral sobre o acontecido.

2-Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?

Nesse quesito seis estudantes disseram que sim e oito relataram que não como mostra o gráfico abaixo:

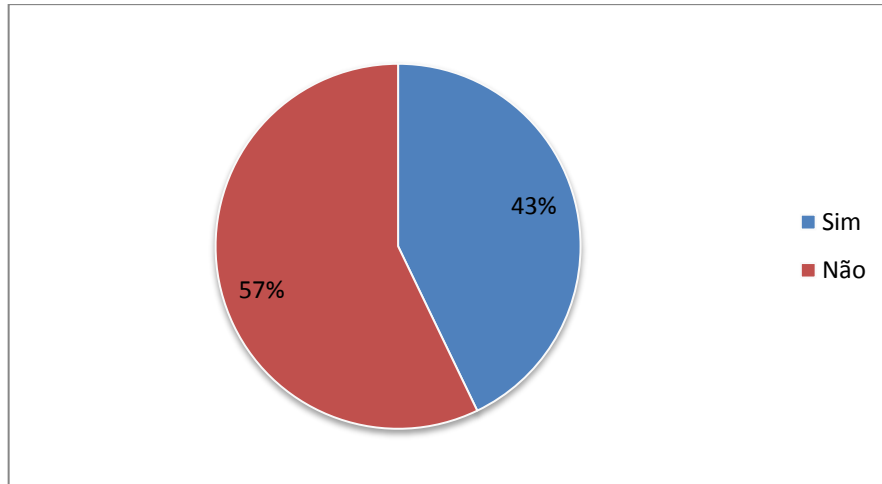


Gráfico 2- Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?

Dos alunos que responderam sim, dois deles relataram não ter compreendido a morte de Antônio Conselheiro, Como afirma essa estudante *“o porquê de Antônio Conselheiro ter morrido e ninguém saber o motivo(...)”*. Três relataram não compreender o porquê de aquela guerra estar acontecendo e o fato de tantas pessoas morrerem na “gravata vermelha”. Outro estudante descreveu não ter compreendido o fato das mulheres estarem entrando nas casas em chamas. Como pode se verificar no gráfico abaixo.

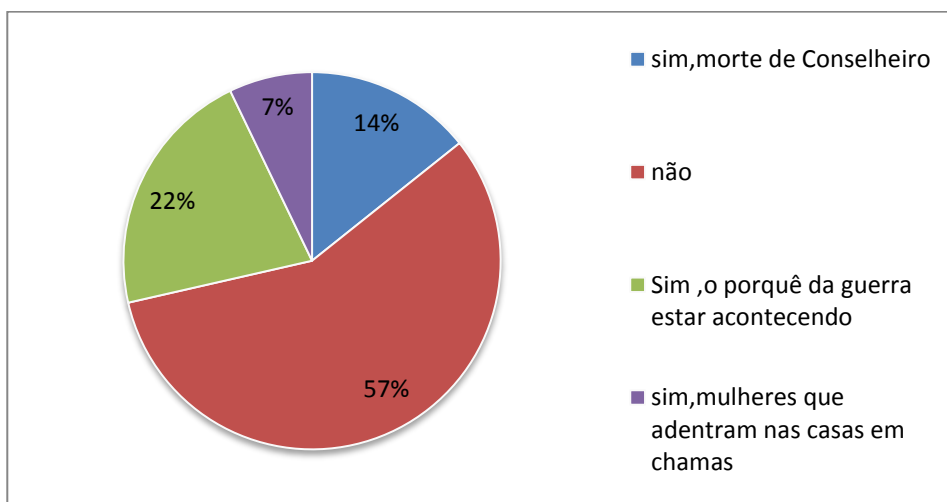


Gráfico 3- Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?

Um dos estudantes respondeu da seguinte forma: *“Sim, o conflito entre o governo e o exército contra o povo sertanejo, que aquela guerra não tinha nada a ver, não precisava aquele conflito”*. O mais interessante na resposta desse estudante é o fato do mesmo questionar o porquê daquela guerra estar acontecendo, pois o mesmo não visualiza motivos para isso na película exibida. Porém esse questionamento não é feito apenas por esse aluno, muitos estudiosos citam os motivos que provocaram uma guerra tão violenta como não convincentes. Costa (1990, p. 51), por exemplo, descreve a Guerra de Canudos como uma tragédia injustificável, um crime praticado contra o povo nordestino e contra a sociedade brasileira, já que para ele a mesma foi provocada por motivos mesquinhos, pessoais e demagógicos.

Acredito que essa indagação permanecerá em nossas mentes por tempo indeterminado. As outras questões citadas pelos estudantes, à gravata vermelha, morte de Conselheiro e as mulheres que adentram dentro das casas em chama já foram discutidas e analisadas no primeiro capítulo, cabe ao professor verificar se é preciso problematizá-las junto ao alunado.

Em minha aula todos esses quesitos citados pelos estudantes foram discutidos com eles, a morte de conselheiro, por exemplo, foi relatada aos mesmos no qual eu expliquei que existe um mistério acerca de como ele morreu e citei que existem “possíveis” hipóteses que alguns historiadores descrevem em seus livros. Sobre as mulheres que entram nas casas em chama eu levei para os mesmos as discursões como eu já trago nesse trabalho sobre as possíveis causas da cena está acontecendo. Citei sobre o medo de morrer com faca, resistência dos sertanejos como algumas possibilidades, porém não impedir que os mesmos voltassem a relatar essas mesmas dúvidas no questionário já que foram inquietudes e curiosidades que eles tiveram durante a exibição do filme.

3-O que você mais gostou nesse filme?

Quatro dos estudantes relatam ter gostado do filme por inteiro, dois trouxeram como resposta que gostaram da fé dos sertanejos exposta no filme. Cinco dos estudantes citaram a coragem dos sertanejos, como por exemplo, esse estudante que diz ter gostado *“do fato daquelas pessoas que não quiseram se*

entregar, lutava até seu último minuto de vida”. Uma estudante relata ter gostado de Antônio Conselheiro. , *“Eu gostei de Antônio Conselheiro porque ele ajudava as pessoas que necessitava e era um homem de fé”*. Uma aluna descreve ter gostado do filme, porque o mesmo relata a *“história do nosso Brasil”*. Apenas uma estudante diz não ter gostado do filme, por conta da mesma não gostar de filmes nordestinos já que para ela essas películas retratam *“a seca, as mortes, fome, escassez e o sofrimento dos sertanejos da nossa terra”*.

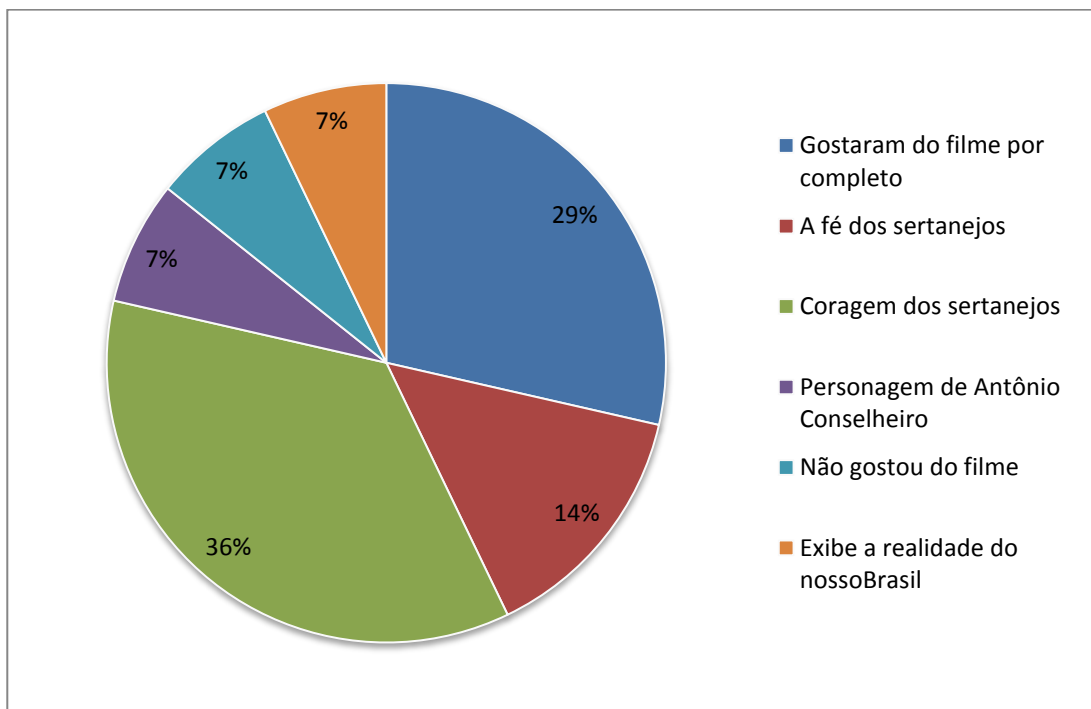


Gráfico 4-O que você mais gostou nesse filme?

Observando o gráfico acima é perceptível a forma positiva que a película exibe algumas cenas dos sertanejos, principalmente durante o último combate onde o filme expõe a bravura dos canudenses e isso fez com que muitos estudantes voltassem suas respostas aos mesmos e Antônio Conselheiro. Já o aspecto citado pela aluna para justificar o porquê não gostou da película exposta, não deixa de ter uma realidade contida, pois infelizmente o passado do nosso nordeste é marcado pelos conflitos, desigualdades, migrações e secas.

4-O que você não gostou no filme?

Seis estudantes relataram não terem gostado do fato de o exército brasileiro “vencer” a guerra, como afirma esse estudante: “o que eu não gostei foi que na guerra quem ganhou foi os soldados, era pra ser os canudenses”. Dois alunos relatam que não gostaram do general Artur Oscar já que de acordo com um deles Artur Oscar escondia a verdade sobre a guerra. Três alunos relatam ter gostado do filme por inteiro, e o restante vem trazendo que não gostaram da forma como o governo agiu e do fato de muitas pessoas terem morrido.

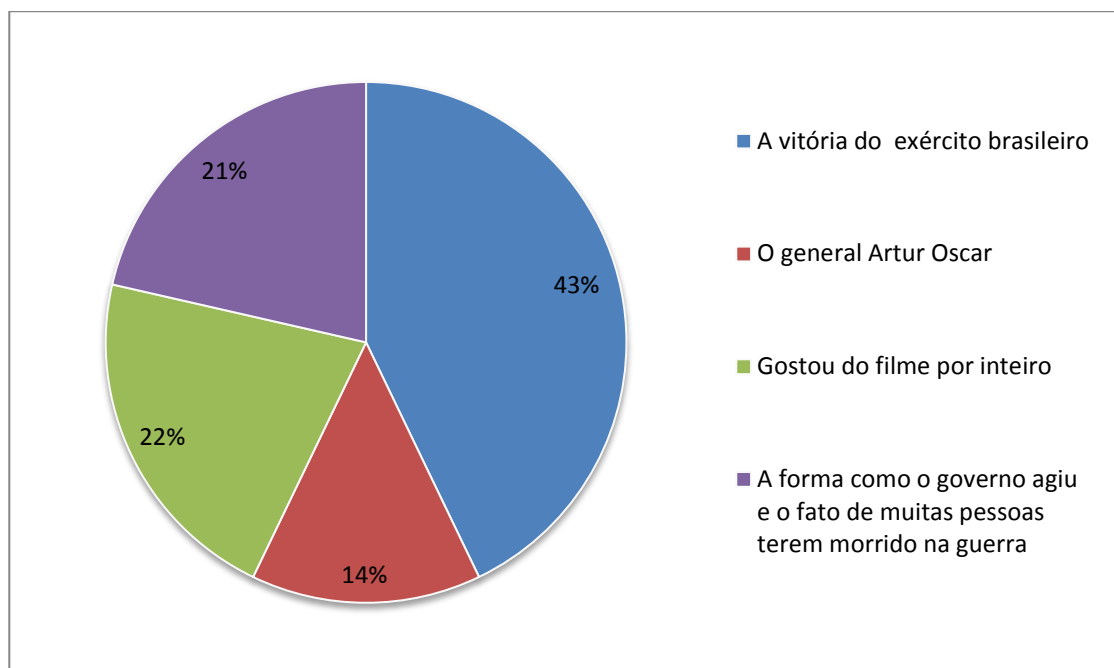


Gráfico 5-O que você não gostou no filme?

Observando o gráfico acima e pelos relatos de alguns alunos é perceptível a aversão dos mesmos pela forma como o exército Brasileiro e o governo agiu sobre o arraial de Canudos. O interessante a destacar nessa questão é que os alunos focaram suas respostas no conflito e não na parte ficcional que a película traz no enredo do filme. É significativo evidenciar que quando comparado esse gráfico ao anterior, “O que você mais gostou nesse filme?” percebe-se que no anterior a maioria dos alunos volta suas respostas aos sertanejos e a Antônio Conselheiro, ou seja, a uma empatia dos mesmos a população de Canudos ao contrário de como eles enxergaram o governo e o exército como é exibido nesse gráfico acima. Acredito que essa forma negativa que os mesmos têm do exército e

do governo, surgiu desde o momento que eles passaram a conhecer e ler sobre a história da guerra. Claro o filme contribui para esse sentimento já que a película nesse quesito consegue exibir a forma desumana que o exército e o governo agiram sobre a população de Canudos.

5- Qual a cena do filme chamou mais sua atenção? Por quê?

Nesse quesito sete cenas foram trazidas pelos estudantes como a que chamaram mais atenção e todas foram analisadas no 1º capítulo como mostra o gráfico abaixo:

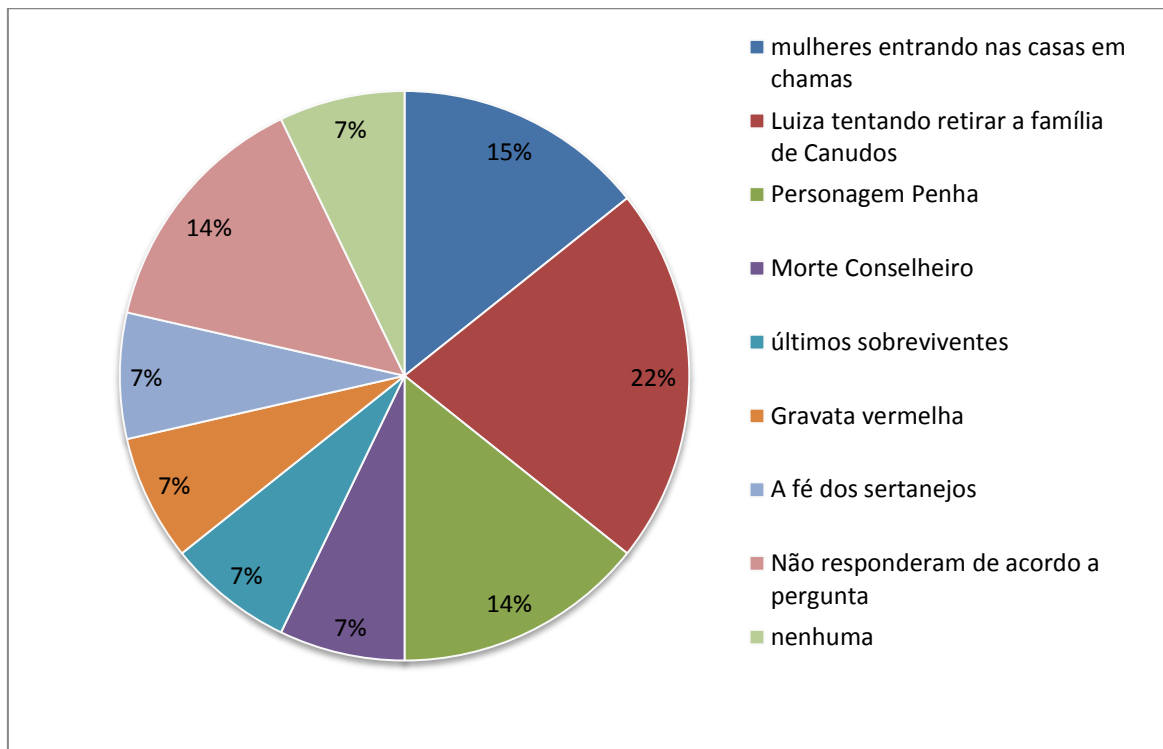


Gráfico 6- Qual a cena do filme chamou mais sua atenção? Por quê?

Nessa questão não foram analisadas as respostas de dois estudantes já que os mesmos não responderam de acordo a pergunta.

Observe no gráfico que as cenas que mais chamaram atenção dos estudantes envolvem os personagens fictícios criados no filme. A cena que mais chamou a atenção da maior parte dos alunos foi a da personagem fictícia Luiza que entra em Canudos no fim do último combate para tentar convencer a família,

principalmente seu pai Lucena a sair do arraial. Uma aluna que descreveu essa cena em sua resposta diz ter ficado chocada no momento em que o pai de Luiza pega uma faca para matá-la. Outros dois alunos complementam a cena descrevendo em suas respostas a parte que Antônio Conselheiro aparece e impede Lucena de matar a filha, como por exemplo, esse estudante que descreve *“A cena que me chamou atenção foi quando Luiza rever o seu pai na guerra e ela mandou seu pai lhe matar e ele só não matou quando Antônio Conselheiro mandou para casa rezar”*. O outro estudante cita que a cena mais chamativa foi a fuga de Luiza do arraial.

Outra cena mostrada no gráfico é a da personagem Penha, ao se referir a ela uma estudante diz ter gostado de sua bravura. Outro aluno descreve a cena em que a personagem conversa com seu marido Zé Lucena sobre a morte do filho.

O aluno que cita a *“gravata vermelha”* como cena mais chamativa descreve da seguinte forma, *“A cena da gravata vermelha por que era um modo muito cruel que eles tinham medo”*. Outra cena mostrada no gráfico como a que mais chamou atenção dos alunos foi a das mulheres que adentram nas casas em chamas como descreve esse estudante, *“Na cena em que a casa estava pegando fogo que entrou uma mulher com um bebe por que não queria que o governo e nem o exército tomassem seu lar, ou seja, sua casa”*.

Um aluno relata sobre os últimos sobreviventes citando que a cena mais chamativa foi *“no final a coragem dos 4 últimos que ficaram para lutar com os soldados a coragem do menino em ir pegar a arma”*. Um estudante diz ter gostado da cena da morte de Conselheiro por conta do mistério que rodeia esse episódio.

Observando o gráfico e as respostas de alguns dos alunos é perceptível que *“Guerra de Canudos”* conseguiu na criação desses personagens fictícios dá um sentido interessante à película e ao mesmo tempo aguçar dos estudantes a curiosidade de entender ou até mesmo investigar o porquê determinada cena estar acontecendo.

6- Relacionando o que foi discutido em sala e o filme exibido, para você o que motivou centenas de pessoas a seguir Antônio Conselheiro?

As respostas que os estudantes descreveram nessa questão foram bastante positivas, cinco deles relataram que as pessoas seguiram Antônio Conselheiro pela

procura de uma vida melhor, como essa estudante descreve, “*a esperança de uma vida, de acabar com o sofrimento e de ser donos dos seus próprios bens*”. Outros estudantes voltaram suas respostas dizendo que essa motivação foi por conta da questão da fé que os canudenses tinham ao Beato, pois o mesmo era uma pessoa boa, religiosa, confiante e queria que todos tivessem moradias dignas e não sofressem com a seca.

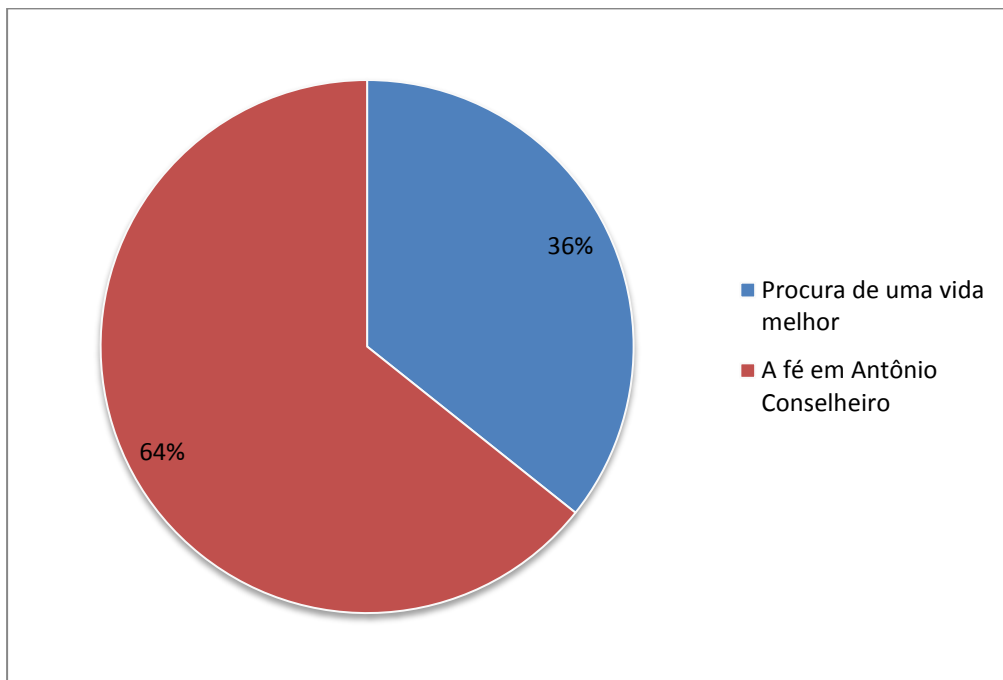


Gráfico 7-Relacionando o que foi discutido em sala e o filme exibido, para você o que motivou centenas de pessoas a seguir Antônio Conselheiro?

Todos esses relatos trazidos pelos alunos são significativos, pois o que se assimila quando fazemos leituras sobre a Guerra de Canudos é que aquelas pessoas seguiam Antônio Conselheiro principalmente pelo fato de acreditarem que teriam uma vida melhor.

7-Como você caracteriza o Antônio Conselheiro do filme?

Dez dos estudantes caracterizam o Antônio Conselheiro do filme como um homem religioso, “homem de Deus”, “líder espiritual”, “seguidor de Deus”, “mensageiro de cristo”. Um estudante, por exemplo, o descreve como, “*um homem*

bom, que ele só seguia a Deus e só levava as pessoas para o caminho bom". Os outros quatro estudantes não citaram a religião e o caracterizaram como uma pessoa boa, vitorioso, sábio e humilde.

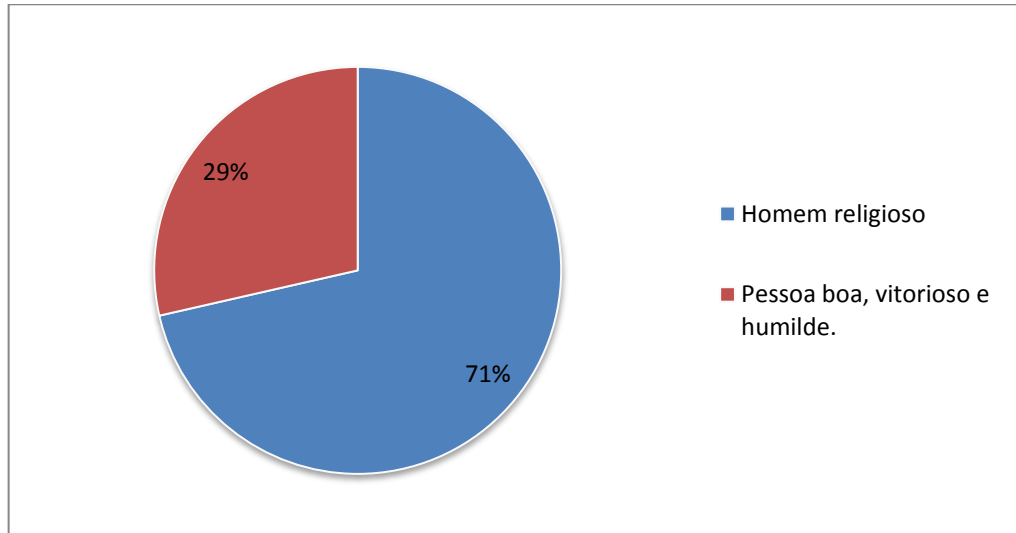


Gráfico 8-Como você caracteriza o Antônio Conselheiro do filme?

Um estudante o descreve da seguinte forma, “*uma pessoas de bem que só queria o seu povo naquele lugar*”. Uma estudante cita que Conselheiro era “*um líder espiritual que buscava a liberdade para os pobres sertanejos e que lutava em busca da igualdade socioeconômica e que era contra a república que ele julgava ser mantida a custa da exploração econômica*”.

O que os estudantes trazem em suas respostas não deixa de ser algo significativo, Conselheiro possuía essas qualidades citadas pelos alunos, porém como já foi dito no primeiro capítulo o filme deixa a desejar, em apenas focar o beato como um homem religioso. Observe que os estudantes caracterizam Antônio Conselheiro principalmente como um homem voltado a religião, mas em nenhum momento atribuíram ao beato características como habilidoso ou administrador e nem teriam como, já que o filme não exhibe esses aspectos a Conselheiro.

8- *O filme ajudou você a compreender melhor sobre a história da guerra? Por quê?*

Dos doze alunos que responderam a essa pergunta, já que dois deixaram em branco, onze responderam sim, enquanto apenas um descreve que o filme não

o ajudou a compreender melhor a história da guerra, porém o mesmo não justifica o motivo.

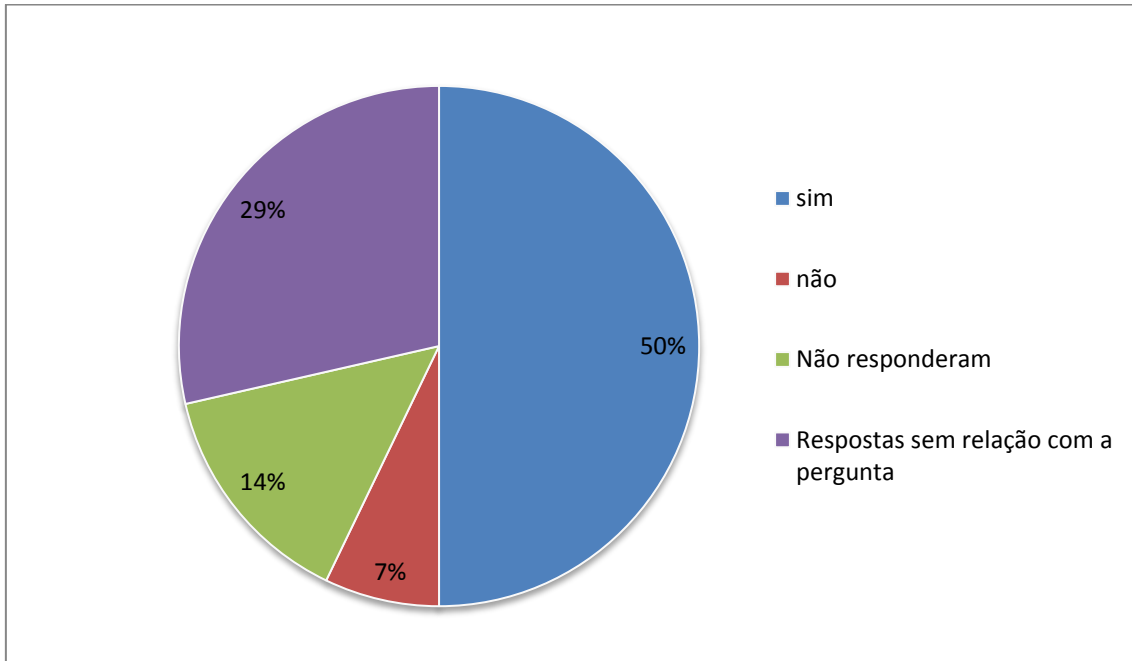


Gráfico 9- O filme ajudou você a compreender melhor sobre a história da guerra? Por quê?

Os relatos sobre o porquê que o filme ajudou foram diversos, um deles cita que é porque *“o filme mostra com mais clareza a guerra e o povo”*; outro aluno descreve que o filme mostra a guerra com mais detalhes, outro cita que *“para entender melhor o filme ajuda bastante”*, três deles não dão um parecer específico apenas dizem que sim porque ajudou a compreender melhor o ocorrido. Uma estudante citou: *“Sim, pois vi a representação de uma das guerras que marcou o nordeste desde aquela época até os dias de hoje”*. Quatro dos estudantes deram respostas que não tinham relação ao porque da pergunta.

Acredito que a exibição de “Guerra de Canudos” em minha turma do 9º ano obteve mais aspectos positivos do que negativos. A película conseguiu colaborar em minha aula como um recurso didático auxiliar de aprimoramento do aprendizado sobre o tema, já que, conseguiu suscitar dos estudantes críticas, dúvidas e questionamentos além de *“mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixões, compaixão, opiniões e até desejos”*. (Castilho, 2003 p.8) levando em consideração que existem aqueles alunos que são mais dedicados e atenciosos, fator esse perceptível na análise dos questionários, onde na maior

parte das perguntas a maioria dos alunos levou a sério quando relatavam sobre suas diversas percepções do filme exibido. Outro fator a ser destacado é que a partir dessa pesquisa com os alunos consegui assimilar o entendimento que os mesmos tiveram sobre o filme exibido. Com isso, na aula seguinte quando discutimos mais sobre o ocorrido a partir das fotografias de Canudos atualmente, diversas dúvidas foram tiradas. Ao final da aula percebi pelas falas dos alunos que fazer esse contraponto entre passado- presente foi de grande valia para o aprendizado desses estudantes sobre a História da Guerra.

Considerações Finais

Minha pesquisa torna-se significativa já que a partir dela se obtém informações importantes sobre o filme objeto de estudo de todo este trabalho. Acredito que analisar um filme histórico é uma tarefa bastante árdua, pois requer de nós historiadores uma visão mais abrangente que vai ao “além” das questões técnicas da película. Porém “dissecar” um filme histórico possui suas recompensas, pois o conhecimento obtido depois de uma análise minuciosa do mesmo é de uma valia enorme.

Ao partir para análise do filme “Guerra de canudos” no Ensino de História me deparei com novas concepções sobre a utilização desse recurso que dependendo da metodologia utilizada pelo educador pode ser bastante importante para representar o acontecido.

Percebi durante minhas pesquisas que não há uma forma específica para utilizar guerra de Canudos em sala de aula, pois isso vai depender bastante do perfil da turma e do seu professor. O educador poderá preparar uma excelente aula com auxílio do filme, com todos os requintes para o aprimoramento dos conhecimentos do alunado, porém a frustração poderá ocorrer se a maioria da turma simplesmente não gostar da película exposta. Todos nós educadores temos em mente que ser professor é uma caixinha de surpresa, nunca saberemos se determinada aula sairá da forma que planejamos, pois estamos lidando com seres humanos principalmente adolescentes de diferentes perfis e concepções. Por isso eu deixo que meus colegas educadores respondam a partir de suas experiências em sala de aula, qual será a melhor forma de utilizar “Guerra de Canudos” com sua turma. Durante a pesquisa com meus alunos do 9º ano, senti algumas dificuldades no início da exibição do filme, mas concluí a partir dos questionários que o filme serviu para representar o que foi dito por mim em sala de aula. Contudo não tenho como garantir que na minha próxima turma do 9º ano conseguirei ter essa mesma conclusão.

Enfim, deixo claro que “Guerra de Canudos” mesmo deixando a desejar em alguns fatores já citados por mim, cumpre o seu papel de trazer às telas imagens que representam um pouco daquele passado. Não podemos esperar que um filme histórico se torne uma representação totalmente fiel da história, o que devemos

almejar é que o mesmo traga indagações àqueles que estão assistindo não apenas do passado como também do presente. Lembrei-me de um questionamento feito por uma das minhas alunas ao final do filme quando cometei que algum tempo após a destruição da cidade pelo exército brasileiro, foi construído um açude no local; a estudante voltou-se para mim e questionou o porquê da construção de um açude, no qual eu me inspirando em Costa(1990, p.52) que descreve “Após o fogo, as ruínas de Canudos foram cobertas de água para apagar a memória da Guerra”. Respondi da seguinte forma para ela “foi uma tentativa de esconder a memória da Guerra de Canudos”. Tentativa essa frustrada já que a guerra que ocorreu na cidade permanece viva hoje em dia nos livros, pesquisas, nas “imagens em movimento” e nas ruínas do arraial de Antônio Conselheiro que são exibidas quando o açude de cocorobó baixa suas águas nos períodos de grande estiagem.

Referências Bibliográficas

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História**. São Paulo. Cengage Learning, 2010.

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino**. História vol.22 no. 1 Franca 2003.

ALBUQUERQUE Jr., D. M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2001.

BENICIO, Manoel. **O rei dos jagunços; crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos**. Rio de Janeiro, Typ. do “Jornal do Comercio”, 1899.

BITTENCOURT; Circe Maria F: **“Ensino de História: Fundamentos e Métodos”** São Paulo. Ed Cortez, 2011.

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **O professor pesquisador: introdução a pesquisa quantitativa**. São Paulo, parábola, 2008.

CALASANS, José. **O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro**. Bahia, Tipografia Beneditina, 1950.

CASTILHO, Áurea. **Filmes para ver e aprender**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

CALASANS, José. **Cartografias de Canudos**. Salvador: Secretaria da cultura e turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA. 1997.

CITELLI, Adilson. **Roteiro de leitura: Os sertões de Euclides da Cunha**: Ática 1998

COIN, Cristina. **A guerra de Canudos**. São Paulo; scipione, 1995.

COSTA, Nicola S. **Canudos: ordem e progresso no sertão**. São Paulo: Moderna, 1990.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. 37 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

DOSSE, François. **História em migalhas: dos annales a Nova História**. São Paulo: EDUSC 1987.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FERREIRA, Manuel de C; JÚNIOR, Plínio Dias da S. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizado**. São Paulo. EPU, 1986.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GRESSLER, Alice Lori. **A pesquisa Educacional**. São Paulo, Loyola, 1989.

LAKATOS, Eva Maria Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LEÃO, Antônio da Silva Neto. **Dicionários de filmes brasileiros** - São Paulo. ed 1, 2002.

MELO Frederico Pernambucano. **Guerra total de Canudos**. São Paulo: A girafa, 2007.

MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino da História**. Curitiba. Nova didática, 2002.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Cineducação: Usando o cinema na sala de aula.** Joinville, Sc:UNIVILLE,2006.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra.** Global, São Paulo 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula.** São Paulo, 2008.

VARGAS LLOSA, Mário. **A guerra do fim do mundo.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

REZENDE, Sérgio. **Guerra de Canudos.** Morena Filmes, 1 DVD (169 min.), 1997.

ROSENSTONE, Robert A. **A História nos filmes, os filmes na história.** Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação.** São Paulo. Agir, 1967.

SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro a fronteira entre a civilização e a barbárie.** São Paulo. Annablume, 2001.

SOARES, Maria de Carvalho; FERREIRA, Jorge. **A história vai ao cinema: vintes filme brasileiros comentados por historiadores.** Rio de Janeiro: Recorde, 2001.

SOLA, José Antônio. **Canudos: Uma utopia no sertão.** São Paulo: Contexto, 1997.

Artigos e Periódicos

Barros, J D'Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. Comunicação & Sociedade, Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

Acesso: 27/04/2014

Capuano. C. Sá. Entre a literatura e a história, o cinema. XI congresso internacional da ABRALIC tessituras, convergências. 2008 Usp são Paulo brasil.

CALASANS, José. "Canudos não Euclidiano". In: SAMPAIO NETO, José Augusto.

Vaz (e outros). Canudos. Subsídios para a sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

CALASANS, José. Coronelismo e Messianismo no Brasil – O Caso de Canudos. V Seminário Paraibano de Cultura Brasileira, 1981.

COSTA, G. Campos. DIAS, R; Rodrigo. "O cinema como narrativa histórica: Robert A. "Rosestone e a linguagem histórica fílmica". Revista de história e estudos culturais.V.7 anos VII nº2, 2010.

Ferraz, L, O, Motta. Oficina cinema-história. "História e cinema: luz, câmera, transposição didática" IN:O Olho da História: Revista de História contemporânea.

Disponível

<http://oolhodahistoria.org/artigos/IMAGEMcinema%20na%20sala%20de%20aula-liz%20motta.pdf>

Acesso: 02\11\2012

KORNIS, Mônica Almeida. "História e cinema: um debate metodológico". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.5, n.10,1992. P.237-250.

LEITE, L G. Canudos em debate: a memória como espaço de disputa. Seminário cultura e política na primeira república: campanha civilista na Bahia. Uesc, Ilhéus 2010.

MONTEIRO, V, S; V. Canudos: Guerras de memória. Mosaico, Rio de Janeiro, nº1, p.2,2007.

MOURA, CLOVIS. Oficina cinema-história. "Antônio Conselheiro: um abolicionista da plebe. ". IN:O Olho da História: Revista de História contemporânea.

Disponível em: <http://www.oolhodahistoria.ufba.br/03moura.html>

Acesso: 02\11\2012

MORETTIN, E. V. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR2010ESC, 09 A 11 DE JUNHO DE 2010.

NOVÓA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: *O Olho da História :revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 1. 1998.

Acesso: 02/11/2012

Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html>

NOVA, Cristiane. Oficina cinema-história. "O cinema e o conhecimento da história". IN:O Olho da História: Revista de História contemporânea.

Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>

Acesso: 02\11\2012

Oficina cinema-história. "entrevista com Sergio Rezende".IN:O Olho da História: Revista de História contemporânea.

Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3resen.html>

Acesso: 02\11\2012

PAULINO, J. K; Justino. Anais eletrônicos do IV seminário nacional. "literatura e cultura". Cinema e literatura: uma análise comparativa entre dom casmurro e dom.2012

Disponível

http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXT0_IV_SENALIC_187.pdf

Acesso: 02\11\2012

Santos, J, Santana. O Ensino de História da educação com filmes. Tocantis. s/d

Santos, B, Santos.; Santana, T, Menezes.; Fernandes, P, Dantas. Filme como ferramenta didática para o Ensino de História. Sergipe, 2011.

SILVA, J.M; Oliveira. Rever Canudos: Historicidade e regionalidade popular (1940-1995), Sergipe, v. 2,n. 1,p. ,8.1997

WOLSEY. — Libelo Republicano acompanhado de comentário sobre a Campanha de Canudos. Bahia. — Tipografia e Encadernação do "Diário da Bahia", 1899. 62 p.

Disponível em: <http://www.historia-bahia.com/cesar-zama.htm>

Acesso: 22\03\2014

Apêndice I



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Educação
Campus XIV – Conceição do Coité
COLEGIADO DE HISTÓRIA

Escola Família Agrícola Avani de Lima Cunha

Turma: 9º ano

Estudante: _____

Questionário sobre o filme *Guerra de Canudos*

1-O que você assimilou e aprendeu com o filme?

2-Algum elemento do filme não foi compreendido? Qual?

3-O que você mais gostou nesse filme?

4-O que você não gostou no filme?

5- Qual a cena do filme chamou mais sua atenção? Por quê?

6- Relacionando o que foi discutido em sala e o filme exibido, para você o que motivou centenas de pessoas a seguir Antônio Conselheiro?

7-Como você caracteriza o Antônio Conselheiro do filme?

8-O filme ajudou você a compreender melhor sobre a história da guerra? Por quê?

Apêndice II

FICHA TÉCNICA DO FILME²⁶

PRODUÇÃO: Mariza Leão

CO-PRODUTOR: José Wilker

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Mariza Figueiredo

DIREÇÃO: Sérgio Rezende

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: César Cavalcanti

ROTEIRO: Sérgio Rezende e Paulo Halm

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: Antônio Luís Mendes

CAMÊRA: Giselle Chamma

SONOGRAFIA: Marc van Willigen;

MONTAGEM: Isabelle Rathery

EFEITOS ESPECIAIS: Federico Farfan

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Cláudio Amaral Peixoto

CENOGRAFIA: Henrique Murthé

FIGURINOS: Beth Filipecki

MÚSICA: Edu Lobo;

COMPANHIA PRODUTORA: Morena Filmes, Sony Corporation of América, Columbia, Pictures Television Trading Corporation, Riofilme, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal da Cultura;

DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar; colorido, 35mm, 160 min,

GENÊRO: aventura.

ELENCO: José Wilker, Paulo Betti, Marieta Severo, Cláudia Abreu, Tônico Pereira, Dandara Ohana Guerra, Selton Mello, Roberto Bomtempo, José de Abreu, Tuca Andrada, Eliezer de Almeida, Denise Weinberg, Murilo Grossi, Jorge Neves, Ernani Moraes.

²⁶ Fonte: LEÃO, Antônio da Silva Neto. Dicionários de filmes brasileiros - São Paulo. ed 1 ,2002.

